

A GRANDE REBELIÃO

V.M. SAMAEI AUN WEOR

ÍNDICE

PREFÁCIO

CAPÍTULO I - A VIDA

CAPÍTULO II - A CRUA REALIDADE DOS FATOS

CAPÍTULO III - A FELICIDADE

CAPÍTULO IV - A LIBERDADE

CAPÍTULO V - A LEI DO PÊNDULO

CAPÍTULO VI - CONCEITO E REALIDADE

CAPÍTULO VII - A DIALÉTICA DA CONSCIÊNCIA

CAPÍTULO VIII - O JARGÃO CIENTIFISTA

CAPÍTULO IX - O ANTICRISTO

CAPÍTULO X - O EU PSICOLÓGICO

CAPÍTULO XI - AS TREVAS

CAPÍTULO XII - AS TRÊS MENTES

CAPÍTULO XIII - MEMÓRIA-TRABALHO

CAPÍTULO XIV - COMPREENSÃO CRIADORA

CAPÍTULO XV - A KUNDALINI

CAPÍTULO XVI - NORMAS INTELECTUAIS

CAPÍTULO XVII - A FACA DA CONSCIÊNCIA

CAPÍTULO XVIII - O PAÍS PSICOLÓGICO

CAPÍTULO XIX - AS DROGAS

CAPÍTULO XX - INQUIETUDES

CAPÍTULO XXI - MEDITAÇÃO

CAPÍTULO XXII - RETORNO E RECORRÊNCIA

CAPÍTULO XXIII - O CRISTO ÍNTIMO

CAPÍTULO XXIV - TRABALHO CRÍSTICO

CAPÍTULO XXV - O DIFÍCIL CAMINHO

CAPÍTULO XXVI - OS TRÊS TRAIDORES

CAPÍTULO XXVII - OS EUS CAUSAS

CAPÍTULO XXVIII - O SUPER-HOMEM

CAPÍTULO XXIX - O SANTO GRAAL

PREFÁCIO

Por: V. M. GARGHA KUICHINES

A “GRANDE REBELIÃO” do Venerável Mestre Samael Aun Weor nos mostra palpavelmente nossa posição na vida.

Há que romper tudo aquilo que nos ata às coisas ilusórias desta vida.

Aqui reunimos o ensinamento de cada capítulo para orientar ao valente que se lance à Batalha contra si mesmo.

Todas as chaves desta obra conduzem à destruição de nossos Eus, para liberar a Essência que é o que vale em nós.

O Eu não quer morrer e o dono se sente inferior ao defeito.

No mundo abundam os incapazes e o temor faz estragos por todas as partes. “NÃO HÁ COISAS IMPOSSÍVEIS. O QUE HÁ SÃO HOMENS INCAPAZES”.

CAPÍTULO 1

A humanidade está desprovida da beleza interna; o superficial anula tudo. A piedade se desconhece. A Crueldade tem seguidores. A tranquilidade não existe porque as pessoas vivem preocupadas e desesperadas.

A sorte dos sofridos está em mãos dos pecadores de todas as índoles.

CAPÍTULO 2

A fome e o desespero aumentam de instante em instante e os produtos químicos destroem a atmosfera terrestre, mas existe um antídoto contra o mal que nos rodeia: “A Castidade Científica”, o aproveitamento da semente humana transformando-a em ENERGIA em nosso laboratório humano e logo em Luz e Fogo quando aprendemos a manejar os 3 fatores do despertar da consciência:

- Morte de nossos defeitos.
- Formar os corpos solares em nós.
- Servir à Pobre Órfã (A Humanidade).

Terra, água e ar, contaminam-se por culpa da presente civilização; não alcança o ouro do mundo reparar o mal; só nos serve o ouro líquido que todos produzimos, nossa própria semente, usando-a sabiamente com conhecimento de causa, assim nos capacitamos para melhorar o mundo e servir com a consciência desperta.

Estamos formando o Exército de Salvação Mundial com todos aqueles valentes que fechem fileiras com o Avatara de Aquário, mediante a

Doutrina da Cristificação que nos libertará de todo mal. Se tu te melhora, melhora o mundo.

CAPÍTULO 3

Para muitos a felicidade não existe, eles não sabem que é obra nossa, que somos seus artífices, os construtores; a construímos com nosso ouro líquido, nossa Semente.

Quando estamos contentes nos sentimos felizes, mas são fugazes esses instantes; se não tens mando sobre tua mente terrena, serás escravo dela, porque ela não se contenta com nada. Há que viver no Mundo sem ser Escravo dela.

CAPÍTULO 4 - FALA SOBRE A LIBERDADE

A liberdade nos fascina, desejaríamos ser livres, mas nos falam mal de alguém e ficamos enfeitiçados e assim nos convertemos em libertinos e passamos a malvados.

O que repete as espécies maledicentes é mais perverso que o que as inventa, porque este pode proceder por ciúmes, inveja ou equivocado sincero; o repetidor o faz como fiel discípulo do mal, é um malvado em potência. “Buscai a Verdade e Ela os fará livres”. Mas como pode chegar à Verdade o Mentiroso? Nessas condições se afasta cada instante do polo oposto, A Verdade.

A Verdade é atributo do Pai Bem-Amado, o mesmo que a Fé. Como poderá ter fé o mentiroso, se esta é uma dádiva do Pai? Não pode receber os dons do Pai o que está cheio de defeitos, vícios, ânsias de poder e prepotência. Somos escravos de nossas próprias crenças; foge do Clarividente que fala do que ele vê internamente; esse tal vende o Céu e tudo lhe será tirado.

Quem é livre? Quem conseguiu a famosa liberdade? Quantos se emanciparam? “Ai! Ai! Ai!” (Samael). O que mente jamais poderá ser livre porque está contra o Bem-Amado que é Verdade pura.

CAPÍTULO 5 - FALA SOBRE A LEI DO PÊNDULO

Tudo flui e reflui, sobe e baixa, vai e vem; mas interessa mais às pessoas o vai e vem do vizinho que seu próprio vai e vem e assim anda no tormentoso mar de sua existência, utilizando seus defeituosos sentidos para qualificar a oscilação de seu vizinho; e o quê? Quando o homem mata seus eus ou

defeitos se libera, se liberta de muitas leis mecânicas, rompe um dos tantos cascarrões que formamos e sente ânsias de liberdade.

Os extremos sempre serão prejudiciais, devemos buscar o justo meio, o fiel da balança.

A razão inclina-se reverente ante o fato cumprido e o conceito se esfumaça ante a verdade cristalina. "Só eliminando o erro advém a Verdade" (Samael).

CAPÍTULO 6 - CONCEITO E REALIDADE

É conveniente que o leitor estude detidamente este capítulo para evitar que seja guiado por apreciações errôneas; enquanto tenhamos defeitos psicológicos, vícios, manias, nossos conceitos serão também errôneos; isto de: "Isso é assim porque eu comprovei", é de néscios, tudo tem facetas, arestas, ondulações, altos e baixos, distâncias, tempos, onde o néscio unilateral vê as coisas à sua maneira, as impõe com violência, assustando seus ouvintes.

CAPÍTULO 7 - DIALÉTICA DA CONSCIÊNCIA

Sabemos e isso nos ensina, que somente podemos despertar a consciência à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários.

O devoto da Senda desperdiça a ENERGIA da pequena porcentagem de consciência quando se identifica com os sucessos de sua existência.

Um Mestre capacitado, participando do Drama da Vida, não se identifica com dito drama, sente-se como espectador no circo da vida; ali, como no cinema, os espectadores se parcializam com o ofensor ou com o ofendido. Mestre da Vida é o que ensina coisas boas e úteis ao devoto da senda, os faz melhor do que são. A Mãe Natureza lhe obedece e as pessoas o seguem com AMOR.

"A Consciência é Luz que o inconsciente não percebe" (Samael Aun Weor). Ao adormecido lhe sucede com a Luz da Consciência, o que ao cego com a Luz do Sol.

Quando aumenta o raio da nossa consciência, a própria pessoa experimenta-se no interior o real, o que é.

CAPÍTULO 8 - O JARGÃO CIENTÍFICO

As pessoas, ante os fenômenos da natureza, se assustam e esperam que passem; a ciência os rotula e lhes põe nomes difíceis, para que os ignorantes não os sigam molestando.

Há milhões de seres que conhecem o nome de seus males, mas não sabem como destruí-los.

O homem maneja maravilhosamente os complicados veículos que ele cria, mas não sabe manejar seu próprio veículo: O corpo em que se mobiliza de instante em instante; o homem para conhecê-lo, lhe acontece o que para um laboratório com sujeiras ou impurezas; mas para o homem lhe diz que o limpe, matando seus defeitos, hábitos, vícios, etc., e não é capaz, acredita que com o banho diário é suficiente.

CAPÍTULO 9 - O ANTICRISTO

O levamos dentro. Ele não nos permite chegar ao Pai Bem-Amado. Mas quando o dominamos totalmente é múltiplo em sua expressão.

O Anticristo odeia as virtudes cristãs da Fé, da Paciência, da Humildade, etc. O “Homem” adora sua ciência e a obedece.

CAPÍTULO 10 - O EU PSICOLÓGICO

Devemos observar-nos em ação de instante em instante, saber se o que fazemos nos melhora, porque a destruição alheia de nada nos serve. Isso só nos leva à convicção de que somos bons destruidores, mas isto é bom quando destruimos em nós nosso mal, para nos melhorar de acordo com o Cristo vivo que levamos em potencial para iluminar e melhorar a espécie Humana.

Ensinar a odiar, isso todos sabem, mas ensinar a AMAR, isso sim é difícil.

Leia detidamente caro leitor este capítulo, se desejas destruir pela raiz teu próprio mal.

CAPÍTULOS 11 ao 20

Encanta as pessoas opinar, apresentar aos demais como elas os veem, mas ninguém quer conhecer a si mesmo, que é o que conta na Senda da Cristificação.

O que diz mais mentiras está na moda; A Luz é a consciência e quando esta se manifesta em nós, é para executar obra superior. “Por suas obras os conhecereis”, disse Jesus o Cristo.

Ele não disse pelos ataques que fizessem. Gnósticos... Despertai!!!

O homem intelectual ou emotivo atua de acordo com seu intelecto ou emoções. Estes como juízes são terríveis, ouvem o que lhes convêm e julgam ou dão como verdade de Deus o que um Mentiroso maior que eles lhes afirma.

Onde há luz, há consciência. A maledicência é obra das trevas, isso não provém da luz.

No capítulo 12 fala-se sobre as 3 mentes que possuímos: Mente Sensual ou dos sentidos, Mente Intermediária; esta é a que crê tudo o que ouve e julga de acordo com o ofensor e o defensor; quando é dirigida pela consciência, é um mediador formidável, converte-se em um instrumento de ação; as coisas depositadas na mente intermediária formam nossas crenças.

Aquele que tem fé verdadeira, não necessita crer; o mentiroso não poderá ter fé, atributo de Deus e experiência direta, nem mente interior, que descobrimos quando damos Morte aos indesejáveis que carregamos em nossa Psique.

A virtude de conhecer nossos defeitos, logo analisá-los e mais tarde destruí-los com a ajuda de nossa mãe RAM-IO, nos permite mudar e não ser escravos dos tiranos que surgem em todas as crenças.

O Eu, o Ego, é desordem dentro de nós; só o Ser tem poder para estabelecer a ordem dentro de nós, em nossa Psique.

Do estudo detido do Capítulo 13, nos damos conta do que acontece ao Vidente Defeituoso, quando se encontra com os Eus Indesejáveis de qualquer irmão da Senda. Quando nos auto-observamos deixamos de falar mal de alguém.

O Ser e o Saber devem equilibrar-se mutuamente; assim nasce a compreensão. O saber, sem conhecimento do Ser traz confusão intelectual de toda espécie; nasce o velhaco.

Se é o Ser maior que o Saber, nasce o santo estúpido. O capítulo 14 nos dá chaves formidáveis para nos autoconhecer-nos; Somos um Deus divino, com um cortejo ao redor que não lhe pertence; renunciar a tudo isso é liberação e que digam...

“O delito veste-se com a toga de Juiz, com a túnica do Mestre, com a roupagem do mendigo, com o traje do Senhor e até com a túnica do Cristo” (Samael).

Nossa Divina Mãe Marah, Maria ou RAM-IO como nós os gnósticos a chamamos, é a mediadora entre o pai Bem-Amado e nós, a mediadora entre os Deuses elementais da natureza e o mago; por meio dela e mediante ela, os elementais da natureza nos obedecem. É nossa Divina Deva, a mediadora entre a Bendita Deusa Mãe do mundo e nosso veículo físico, para lograr assombrosos prodígios e servir a nossos semelhantes.

Da união Sexual com a esposa Sacerdotisa, o varão se feminiza e a esposa se varoniza; nossa Mãe RAM-IO é a única que pode tornar poeira cósmica a nossos Eus e suas legiões. Com as normas sensitivas não podemos conhecer as coisas do Ser, porque os sentidos são instrumentos densos, carregados de defeitos, tal como é seu dono; se requer descongestioná-los, matando em nós defeitos, vícios, manias, apegos, desejos, e tudo o que gosta a mente terrena, que tantas dúvidas nos proporciona.

No capítulo 18 vemos, segundo a Lei da dualidade, que assim como vivemos em um país ou lugar da terra, assim também em nossa intimidade existe o lugar psicológico onde nos encontramos localizados.

Leia, caro leitor, este interessante capítulo para que saibas internamente em que bairro, colônia ou lugar te encontras localizado.

Quando utilizamos a nossa divina Mãe RAM-IO destruímos nossos eus satânicos e nos libertamos nas 96 leis da consciência, de tanta podridão. O ódio não nos deixa progredir internamente.

O mentiroso peca contra seu próprio Pai e o fornicário contra o Espírito Santo; fornicar-se em pensamento, palavra e obra.

Existem tiranos que falam maravilhas de si mesmos, seduzem muitos ignorantes, mas sim, se analisarmos sua obra, encontramos destruição e anarquia; a vida mesma se encarrega de afastá-los e esquecê-los.

No capítulo 19, nos dá luzes para não cair na ilusão de nos sentirmos superiores. Todos somos estudantes a serviço do Avatara; ao déspota dói que o lastimem e ao néscio, que não lhe exaltem.

Quando compreendemos que devemos destruir a personalidade, se alguém nos ajuda nesse duro labor é de se agradecer.

A Fé é o conhecimento puro, a sabedoria experimental direta do Ser, “as alucinações da consciência egoica são iguais às alucinações provocadas pelas drogas” (Samael).

No capítulo 20, nos dá chaves para exterminar o frio lunar no meio do qual nos desenvolvemos.

CAPÍTULOS DO 21 AO 29

No 21 nos fala e ensina a meditar e reflexionar, a saber mudar. Quem não sabe meditar jamais poderá dissolver o Ego.

No 22 nos fala sobre “RETORNO E RECORRÊNCIA”. É simples a forma como nos fala sobre o retorno; se não queremos repetir cenas dolorosas, devemos desintegrar os Eus, que se apresentam a nós; ensina-nos a

melhorar a qualidade de nossos filhos. A recorrência corresponde aos acontecimentos de nossa existência, quando temos corpo físico.

O Cristo Íntimo é o fogo do fogo; o que vemos e sentimos é a parte física do fogo Crístico.

O advento do fogo Crístico é o evento mais importante de nossa própria vida, este fogo se encarrega de todos os processos de nossos cilindros ou cérebros, que primeiro devemos limpar com os 5 elementos da Natureza, valendo-nos dos serviços de nossa Bendita Mãe RAM-IO.

“O Iniciado deve aprender a viver perigosamente; assim está escrito”.

No capítulo 25, o Mestre nos fala sobre o lado desconhecido de nós mesmos, o qual projetamos como se fôssemos uma máquina projetora de cinema, e então, vemos nossos defeitos na tela alheia.

Tudo isto nos mostra aos sinceros equivocados; assim como nossos sentidos nos mentem assim somos mentirosos; os sentidos ocultos causam desastres quando os despertamos sem matar nossos defeitos.

No capítulo 26 nos fala dos três traidores, os inimigos de Hiram Abiff, o Cristo Interno, os demônios de: 1.- A mente

2.- Má Vontade

3.- O desejo

Cada um de nós levamos em nossa psique os três traidores.

Ensina-nos que o Cristo Interno sendo pureza e perfeição, nos ajuda a extirpar os milhares de indesejáveis que levamos por dentro. Em dito capítulo nos ensina que o Cristo Secreto é o Senhor da GRANDE REBELIÃO, rechaçado pelos Sacerdotes, pelos anciãos e pelos escribas do templo.

No capítulo 28, nos fala sobre o Super-Homem e o desconhecimento total das multidões sobre ele.

Os esforços do Humanoide para converter-se em Super-Homem são batalhas e batalhas contra si, contra o mundo e contra tudo o que trata este mundo de misérias.

No capítulo 29, capítulo final, nos fala sobre o Santo Graal, o vaso de Hermes, a taça de Salomão; o Santo Graal alegoriza de forma única o Yoni feminino, o sexo, a soma dos místicos onde bebem os Deuses Santos.

Esta taça de delícia não pode faltar em nenhum Templo de mistérios, nem na vida do Sacerdote Gnóstico.

Quando os Gnósticos entenderem este mistério, mudará sua vida conjugal e o altar vivo lhes servirá para officiar como sacerdote no Divino Templo do Amor.

Que a paz mais profunda reine em teu coração.

GARGHA KUICHINES.

CAPÍTULO I

A VIDA

Embora pareça incrível, é muito certo e de toda verdade, que esta tão cacarejada civilização moderna é espantosamente feia, não reúne as características transcendentais do sentido estético, está desprovida de beleza interior.

É muito o que presumimos com esses horripilantes edifícios de sempre, que parecem verdadeiras ratoeiras.

O mundo tornou-se tremendamente aborrecedor, as mesmas ruas de sempre e as moradias horripilantes por todas as partes.

Tudo isso tornou-se cansativo, no Norte e no Sul, no Leste e no Oeste do Mundo.

É o mesmo uniforme de sempre: “horripilante, nauseabundo, estéril”. Modernismo! Exclamam as multidões.

Parecemos verdadeiros pavões vaidosos com o traje que carregamos e com os sapatos muito brilhantes, embora por aqui, por lá e acolá circulem milhões de infelizes famintos desnutridos, miseráveis.

A simplicidade e beleza natural, espontânea, ingênua, desprovida de artifícios e pinturas vaidosas, desapareceu no Sexo Feminino. Agora somos modernos, assim é a vida.

As pessoas tornaram-se espantosamente cruéis; a caridade resfriou-se, ninguém já se apieda de ninguém.

As vitrines ou aparadores dos armazéns luxuosos resplandecem com luxuosas mercadorias que definitivamente estão fora do alcance dos infelizes.

A única coisa que os Párias da vida podem fazer é contemplar sedas e joias, perfumes de frascos luxuosos e guarda-chuvas para os aguaceiros; ver sem poder tocar, suplício semelhante ao do Tântalo.

As pessoas destes tempos modernos tornaram-se demasiado grosseiras: o perfume da amizade e a fragrância da sinceridade desapareceram radicalmente.

Gemem as multidões sobrecarregadas de impostos; todo o mundo está com problemas, nos devem e devemos; julgam-nos e não temos com que pagar, as preocupações despedaçam cérebros, ninguém vive tranquilo.

Os burocratas com a curva da felicidade em seus ventres e um bom cigarro na boca, no que psicologicamente se apoiam, jogam malabares políticos com a mente sem lhes importar a mínima com a dor dos povos.

Ninguém é feliz nestes tempos e muito menos a classe média, esta encontra-se entre a espada e a parede.

Ricos e pobres, crentes e descrentes, comerciantes e mendigos, sapateiros e funileiros, vivem porque têm que viver, afogam em vinho suas torturas e até convertem-se em drogados para escapar de si mesmos.

As pessoas tornaram-se maliciosas, receosas, desconfiadas, astutas, perversas; ninguém já crê em ninguém; inventa-se diariamente novas condições, certificados, restrições de todo tipo, documentos, credenciais, etc., e de todas as maneiras nada disso serve, os astutos burlam todas estas tolices: não pagam, se esquivam da lei embora lhes toque ir com seus ossos para o cárcere.

Nenhum emprego dá felicidade; o sentido do verdadeiro amor perdeu-se e as pessoas se casam hoje e se divorciam amanhã.

A unidade dos lares perdeu-se lamentavelmente, a vergonha orgânica já não existe, o lesbianismo e o homossexualismo tornaram-se mais comuns que lavar as mãos.

Saber algo sobre tudo isto, tratar de conhecer a causa de tanta podridão, inquirir, buscar, é certamente o que nos propomos neste livro.

Estou falando na linguagem da vida prática, desejoso de saber o que é que se esconde atrás dessa máscara horripilante da existência.

Estou pensando em voz alta e que digam os patifes do intelecto o que tenham vontade.

As teorias já se tornaram cansativas e até se vendem e revendem no mercado. Então o quê? As teorias só servem para nos ocasionar preocupações e nos amargar mais a vida.

Com justa razão disse Goethe: "Toda teoria é cinza e só é verde a árvore de dourados frutos que é a vida"...

Já as pobres pessoas cansaram-se com tantas teorias, agora se fala muito sobre aspectos práticos, necessitamos ser práticos e conhecer realmente as causas de nossos sofrimentos.

CAPÍTULO II

A CRUA REALIDADE DOS FATOS

Logo milhões de habitantes da África, Ásia e América Latina, podem morrer de fome.

O gás que atiram os “Sprays” pode acabar radicalmente com o Ozônio da atmosfera terrestre. Alguns sábios prognosticam que para o ano Dois Mil se esgotará o subsolo de nosso globo terrestre. As espécies marítimas estão morrendo devido à contaminação dos mares, isto já está demonstrado.

Inquestionavelmente ao passo que vamos para finais deste século todos os habitantes das grandes cidades deverão usar Máscaras de Oxigênio para defender-se do fumo.

Ao continuar a contaminação em sua forma alarmante atual antes de pouco tempo já não será possível comer peixes, estes últimos vivendo na água assim, totalmente contaminada, serão perigosos para a saúde.

Antes do ano Dois Mil será quase impossível encontrar uma praia onde alguém possa banhar-se com água pura.

Devido ao consumo desmedido, e exploração do solo e do subsolo, logo as terras já não poderão produzir os elementos agrícolas necessários para a alimentação das pessoas.

O “Animal Intelectual”, equivocadamente chamado homem, ao contaminar os mares com tanta imundície, envenenar o ar com a fumaça dos carros e de suas fábricas e destruir a Terra com suas explosões atômicas subterrâneas e abuso de elementos prejudiciais para a crosta terrestre, é claro que submeteu o Planeta Terra, a uma longa e espantosa agonia que indubitavelmente terá que concluir com uma Grande Catástrofe.

Difícilmente o mundo poderá cruzar o umbral do ano Dois Mil, já que o “Animal Intelectual” está destruindo o ambiente natural a mil por hora.

O “Mamífero Racional”, equivocadamente chamado homem, está empenhado em destruir a Terra, quer torná-la inabitável, e é óbvio que está logrando.

Quando aos Mares se refere, é ostensivo que estes foram convertidos por todas as nações em uma espécie de Grande Lixeira.

Setenta por cento de todo o lixo do mundo está indo a cada um dos mares.

Enormes quantidades de petróleo, inseticidas de toda classe, múltiplas substâncias químicas, gases venenosos, gases neurotóxicos, detergentes, etc., estão aniquilando a todas as espécies vivas do Oceano.

As aves marítimas e o Plâncton, tão indispensável para a vida, estão sendo destruídos.

Inquestionavelmente a aniquilação do Plâncton Marítimo é de uma gravidade incalculável porque este micro- organismo produz setenta por cento do Oxigênio Terrestre.

Mediante a investigação científica se pôde verificar que já certas partes do Atlântico e do Pacífico encontram- se contaminadas com resíduos radioativos, produto das explosões atômicas.

Em diferentes Metrôpoles do mundo e especialmente na Europa, a água doce bebe-se, elimina-se, depura-se e logo se bebe novamente.

Nas grandes cidades “supercivilizadas”, a água que se serve às mesas passa pelos organismos humanos muitas vezes.

Na cidade de Cúcuta, fronteira com Venezuela, República da Colômbia, América do Sul, os habitantes se veem obrigados a beber as águas negras e imundas do rio que carrega todas as porcarias que vêm de Pamplona.

Quero referir-me de forma enfática ao rio Pamplonita que tão nefasto foi para a “Pérola do Norte” (Cúcuta).

Afortunadamente existe agora mais outro aqueduto que abastece a Cidade, sem que por isso deixe de beber as águas negras do rio Pamplonita.

Enormes filtros, máquinas gigantescas, substâncias químicas, tratam de purificar as águas negras das grandes cidades da Europa, mas as epidemias continuam propagando-se com essas águas negras imundas que tantas vezes passaram pelos organismos humanos.

Os famosos Bacteriologistas encontraram na água potável das grandes Capitais, toda classe de: vírus, colibacilos, patógenos, bactérias da Tuberculose, Tifo, Varíola, Larvas, etc.

Embora pareça incrível dentro das mesmas plantas de água potável de países da Europa, encontraram vírus da vacina da Poliomielite.

Além disso, o desperdício de água é espantoso: Cientistas modernos afirmam que para o ano de 1990 o humanoide racional morrerá de sede.

O pior de tudo isto é que as reservas subterrâneas de água doce encontram-se em perigo devido aos abusos do Animal Intelectual.

A exploração sem misericórdia dos poços de petróleo continua sendo fatal. O Petróleo que é extraído do interior da terra atravessa as águas subterrâneas e as contamina.

Como sequência disto, o Petróleo tornou impotáveis as águas subterrâneas da Terra durante mais de um século. Obviamente como resultado de tudo isto, morrem os vegetais e até multidões de pessoas.

Falemos agora um pouco sobre o ar que é tão indispensável para a vida das criaturas...

Com cada aspiração e inalação, os pulmões tomam meio litro de ar, ou seja, uns doze metros cúbicos por dia, multiplica-se dita quantidade pelos Quatro Mil e Quinhentos Milhões de habitantes que possui a Terra e então teremos a quantidade exata de oxigênio que diariamente consome a humanidade inteira, sem contar com o que consomem todas as outras criaturas animais que povoam a face da Terra.

A totalidade do Oxigênio que inalamos, encontra-se na atmosfera e se deve ao Plâncton que agora estamos destruindo com a contaminação e também à atividade fotossintética dos vegetais. Desgraçadamente as reservas de oxigênio já estão se esgotando.

O Mamífero Racional equivocadamente chamado homem, mediante suas inumeráveis indústrias está diminuindo de forma contínua a quantidade de radiação solar, tão necessária e indispensável para a fotossíntese, e é por isto que a quantidade de Oxigênio que as plantas produzem atualmente, é agora muitíssimo menos que no século passado.

O mais grave de toda esta tragédia mundial é que o “Animal Intelectual” continua contaminando os mares, destruindo o Plâncton e acabando com a vegetação.

O “Animal Racional” prossegue destruindo, lamentavelmente, suas fontes de Oxigênio.

O “Smog”, que o “Humanoide Racional” está expulsando constantemente ao ar; além de matar, põe em perigo a vida do Planeta Terra.

O “Smog”, não só está aniquilando as reservas de Oxigênio, mas, além disso, está matando as pessoas. O “Smog” origina enfermidades estranhas e perigosas impossíveis de curar, isto já está demonstrado.

O “Smog” impede a entrada da luz solar e dos raios ultravioletas, originando por isso, graves desordens na atmosfera.

Vem uma era de alterações climáticas, glaciações, avanço do gelo polar para o Equador, ciclones espantosos, terremotos, etc.

Devido não ao uso, senão ao abuso da energia elétrica no ano Dois Mil, haverá mais calor em algumas regiões do Planeta Terra e isto coajudará no processo da Revolução dos Eixos da Terra.

Logo os polos serão constituídos no Equador da Terra, e este último se converterá em Polos. O degelo dos Polos começou e um novo Dilúvio Universal precedido pelo fogo se avizinha.

Nas próximas décadas, se multiplicará o “Dióxido de Carbono”, então este elemento químico formará uma grossa capa na atmosfera da Terra.

Tal filtro ou capa absorverá lamentavelmente a radiação térmica e atuará como uma estufa de fatalidades.

O clima da terra se tornará mais quente em muitos lugares e o calor fará fundir o gelo dos Polos, subindo por tal motivo o nível dos oceanos escandalosamente.

A situação é gravíssima, o solo fértil está desaparecendo e diariamente nascem duzentas mil pessoas que necessitam de alimento.

A catástrofe mundial de Fome que se avizinha, será certamente pavorosa; isto está já às portas. Atualmente estão morrendo quarenta milhões de pessoas anualmente de fome, por falta de comida.

A industrialização criminal dos bosques e a exploração desapiada de Minas e Petróleo estão deixando a Terra convertida em um deserto.

Se é certo que a energia nuclear é mortal para a humanidade, não é menos certo que atualmente existem também, “Raios de Morte”, “Bombas Microbianas” e muitos outros elementos terrivelmente destrutivos, malignos. Inventados pelos cientistas.

Inquestionavelmente para conseguir a energia nuclear, são requeridas grandes quantidades de calor difíceis de controlar e que em qualquer momento podem originar uma catástrofe.

Para lograr a energia nuclear, são requeridas enormes quantidades de minerais radioativos, dos quais só se aproveita uns trinta por cento, isto faz com que o subsolo terráqueo se esgote rapidamente.

Os desperdícios atômicos que ficam no subsolo resultam espantosamente perigosos. Não existe lugar seguro para os desperdícios atômicos.

Se o gás de um depósito de lixo atômico chegasse a escapar, ainda que só fosse uma mínima porção, morreriam milhões de pessoas.

A contaminação de alimentos e águas traz alterações genéticas e monstros humanos: criaturas que nascem deformadas e monstruosas.

Antes do ano de 1999, haverá um grave acidente nuclear que causará verdadeiro espanto.

Certamente a humanidade não sabe viver, se degenerou espantosamente e francamente se precipitou no abismo.

O mais grave de toda esta questão, é que os fatores de tal desolação, quais são: fomes, guerras, destruição do Planeta em que vivemos etc., estão dentro de nós mesmos, os carregamos em nosso interior, em nossa Psique.

CAPÍTULO III

A FELICIDADE

As pessoas trabalham diariamente, lutam para sobreviver, querem existir de alguma maneira, mas não são felizes.

Isso da felicidade está em chinês, como se diz por aí. O mais grave é que as pessoas sabem, mas, no meio de tantas amarguras, parece que não perdem as esperanças de lograr a felicidade algum dia, sem saber como nem de que maneira.

Pobres pessoas! Quanto sofrem! E, sem embargo, querem viver, temem perder a vida.

Se as pessoas entendessem algo sobre Psicologia Revolucionária, possivelmente até pensariam distinto; mas na verdade nada sabem, querem sobreviver no meio de sua desgraça e isso é tudo.

Existem momentos prazerosos e muito agradáveis, mas isso não é felicidade; as pessoas confundem o prazer com a felicidade.

"Folias", "Festas", bebedeiras, orgia; é prazer bestial, mas não é felicidade... Sem embargo, há festinhas sãs sem bebedeiras, sem bestialidades, sem álcool, etc., mas isso tampouco é felicidade...

És uma pessoa amável? Como te sentes quando danças? Estás enamorado? Amas de verdade? Como te sentes dançando com o ser que adoras? Permita que me torne um pouco cruel nestes momentos ao dizer-te que isto tampouco é felicidade.

Se já estás velho, se não te atraem estes prazeres; Dispense-me se te digo que serias diferente se estivesses jovem e cheio de ilusões.

De todas as maneiras, diga o que se diga, bailes ou não bailes, enamorado ou não enamorado, tenhas ou não isso que se chama dinheiro, tu não és feliz, ainda que penses o contrário.

Passa-se a vida buscando a felicidade por todas as partes e morre-se sem tê-la encontrado.

Na América Latina são muitos os que têm esperanças em ganhar algum prêmio gordo na loteria, creem que assim vão lograr a felicidade; alguns até o ganham de verdade, mas não por isso logram a tão ansiada felicidade.

Quando alguém é jovem, sonha com a mulher ideal, alguma princesa das "Mil e Uma Noites", algo extraordinário; vem depois a crua realidade dos fatos: Mulher, meninos pequenos para manter, difíceis problemas econômicos, etc.

Não há dúvida de que à medida que os filhos crescem os problemas também crescem e até tornam-se impossíveis...

Conforme o menino e a menina vão crescendo, os sapatinhos vão sendo cada vez maiores e o preço maior, isso é claro.

Conforme as criaturas crescem, a roupa vai custando cada vez mais e mais cara; havendo dinheiro não há problema nisto, mas se não há, a coisa é grave e sofre-se horivelmente...

Tudo isto seria mais ou menos suportável, se tivesse uma boa mulher, mas quando o pobre homem é traído, “quando lhe colocam cornos”, de que lhe serve, então, lutar por aí para conseguir dinheiro?

Desgraçadamente existem casos extraordinários, mulheres maravilhosas, companheiras de verdade tanto na opulência como na desgraça, mas para o cúmulo dos cúmulos o homem então não sabe apreciá-la e até a abandona por outras mulheres que lhe vão amargar a vida.

Muitas são as donzelas que sonham com um “príncipe azul”, desafortunadamente de verdade, as coisas resultam muito diferentes e no terreno dos fatos a pobre mulher se casa com um verdugo...

A maior ilusão de uma mulher é chegar a ter um lar formoso e ser mãe; “santa predestinação”, embora ainda que o homem lhe resulte muito bom, coisa por certo muito difícil, no fim tudo passa: os filhos e as filhas se casam, se vão ou pagam mal a seus pais e o lar conclui definitivamente.

Conclusão, neste mundo cruel em que vivemos, não existe gente feliz... Todos os pobres seres humanos são infelizes.

Na vida conhecemos muitos burros carregados de dinheiro, cheios de problemas, pleitos de toda espécie, sobrecarregados de impostos, etc. Não são felizes.

De que serve ser rico se não se tem boa saúde? Pobres ricos! Às vezes são mais desgraçados que qualquer mendigo.

Tudo passa nesta vida: passam as coisas, as pessoas, as ideias, etc. Os que têm dinheiro passam e os que não o têm também passam e ninguém conhece a autêntica felicidade.

Muitos querem escapar de si mesmos por meio das drogas ou do álcool, mas na verdade não só não conseguem tal escape, senão, o que é pior, ficam presos no inferno do vício.

Os amigos do álcool ou da marijuana, ou do “LSD”, etc., desaparecem como que por encanto quando o viciado resolve mudar de vida.

Fugindo do “Mim Mesmo”, do “Eu Mesmo”, não se logra a felicidade. Interessante seria “agarrar o touro pelos cornos”, observar o “EU”, estudá-lo com o propósito de descobrir as causas da dor.

Quando alguém descobre as causas verdadeiras de tantas misérias e amarguras, é obvio que algo pode fazer...

Logrando acabar com o “Mim Mesmo”, com “Minhas Bebedeiras”, com “Meus Vícios”, com “Meus Afetos”, que tanta dor me causam no coração, com minhas preocupações que me destroçam os miolos e me enfermam etc., etc., então é claro que advém isso que não é do tempo, isso que está mais além do corpo, dos afetos e da mente, isso que realmente é desconhecido para o entendimento e que se chama: FELICIDADE!

Inquestionavelmente, enquanto a consciência continue engarrafada, embutida entre o “MIM MESMO”, entre o “EU MESMO”, de nenhuma maneira poderá conhecer a legítima felicidade.

A felicidade tem um sabor que o “EU MESMO”, o “MIM MESMO”, nunca, jamais conheceu.

CAPÍTULO IV

A LIBERDADE

O sentido da Liberdade é algo que ainda não foi entendido pela Humanidade.

Sobre o conceito de Liberdade, pleiteado sempre de forma mais ou menos equivocada, cometeram-se erros gravíssimos.

Certamente peleja-se por uma palavra, tiram-se deduções absurdas, cometem-se atropelos de toda espécie e derrama-se sangue nos campos de batalha.

A palavra Liberdade é fascinante, todo mundo gosta dela, sem embargo, não se tem verdadeira compreensão sobre a mesma, existe confusão em relação com esta palavra.

Não é possível encontrar uma dúzia de pessoas que definam a palavra Liberdade da mesma forma e do mesmo modo.

O termo Liberdade, de modo algum seria compreensível para o racionalismo subjetivo.

Cada um tem sobre este termo ideias diferentes: opiniões subjetivas das pessoas desprovidas de toda realidade objetiva.

Ao pleitear-se a questão Liberdade, existe incoerência, vagueza, incongruência em cada mente.

Estou seguro que nem sequer Dom Emanuel Kant, o autor da Crítica da Razão Pura, e da Crítica da Razão Prática, jamais analisou esta palavra para dar-lhe o sentido exato.

Liberdade, formosa palavra, belo termo: Quantos crimes foram cometidos em seu nome!

Inquestionavelmente, o termo Liberdade hipnotizou as multidões; as montanhas e os vales, os rios e os mares se tingiram com sangue ao conjuro desta mágica palavra.

Quantas bandeiras, quanto sangue e quantos heróis sucederam ao longo da História, cada vez que sobre o tapete da vida foi posta a questão Liberdade.

Desafortunadamente, depois de toda independência a tão alto preço lograda, continua dentro de cada pessoa a escravidão.

Quem é livre? Quem logrou a famosa liberdade? Quantos se emanciparam? Ai, ai, ai!

O adolescente anseia por liberdade; parece inacreditável que muitas vezes tendo pão, abrigo, e refúgio, queira fugir da casa paterna em busca de liberdade.

Resulta incongruente que o juvenzinho que tem tudo em casa queira evadir-se, fugir, afastar-se de sua morada, fascinado pelo termo liberdade. É estranho que gozando de toda classe de comodidades no lar ditoso queira perder o que se tem, para viajar por essas terras do mundo e submergir-se na dor.

Que o desventurado, o pária da vida, o mendigo, anele de verdade afastar-se do casebre, da choça, com o propósito de obter alguma mudança melhor, resulta correto; mas que a criança de bem, o neném da mamãe, busque escapatória, fuga, resulta incongruente e até absurdo; embora isto é assim; a palavra Liberdade fascina, enfeitiça, ainda que ninguém saiba defini-la de forma precisa.

Que a donzela queira liberdade, que anele mudar de casa, que deseje casar-se para escapar do lar paterno e viver uma vida melhor, resulta em parte lógico, porque ela tem direito de ser mãe; sem embargo, já na vida de esposa, descobre que não é livre, e com resignação há de seguir carregando as correntes da escravidão.

O empregado, cansado de tantos regulamentos, quer ver-se livre, e se consegue sua independência encontra-se com o problema que continua sendo escravo de seus próprios interesses e preocupações.

Certamente, cada vez que se luta pela Liberdade, nos encontramos defraudados apesar das vitórias.

Tanto sangue derramado inutilmente em nome da Liberdade e, sem embargo, continuamos sendo escravos de nós mesmos e dos demais.

As pessoas pelejam por palavras que nunca entendem, ainda que os dicionários expliquem-nas gramaticalmente.

A Liberdade é algo que se há de conseguir dentro de si mesmo. Ninguém pode lográ-la fora de si mesmo. Cavalgar pelo ar é uma frase muito oriental que alegoriza o sentido da genuína Liberdade.

Ninguém poderia em realidade experimentar a Liberdade enquanto sua consciência continue engarrafada no si mesmo, no mim mesmo.

Compreender este eu mesmo, minha pessoa, o que eu sou, é urgente quando se quer muito sinceramente conseguir a Liberdade.

De modo algum poderíamos destruir os grilhões da escravidão sem haver compreendido previamente toda esta minha questão, tudo isto que pertence ao eu, ao mim mesmo.

Em que consiste a escravidão? O que é isto que nos mantém escravos? Quais são estas travas? Tudo isto é o que necessitamos descobrir.

Ricos e pobres, crentes e descrentes, estão todos formalmente presos ainda que se considerem livres.

Enquanto a consciência, a essência, o mais digno e decente que temos em nosso interior, continue engarrafado no si mesmo, no mim mesmo, no eu mesmo, em minhas apetências e temores, em meus desejos e paixões, em minhas preocupações e violências, em meus defeitos psicológicos; estar-se-á em formal prisão.

O sentido de Liberdade só pode ser compreendido integralmente quando tiverem sido aniquilados os grilhões de nosso próprio cárcere psicológico.

Enquanto o “eu mesmo” existir a consciência estará na prisão; evadir-se do cárcere só é possível mediante a aniquilação budista, dissolvendo o eu, reduzindo-o a cinzas, a poeira cósmica.

A consciência livre, desprovida de eu, na ausência absoluta do mim mesmo, sem desejos, sem paixões, sem apetências nem temores, experimenta de forma direta a verdadeira Liberdade.

Qualquer conceito sobre Liberdade não é Liberdade. As opiniões que formemos sobre a Liberdade distam muito de ser a Realidade. As ideias que forjamos sobre o tema Liberdade, nada têm a ver com a autêntica Liberdade.

A liberdade é algo que temos que experimentar de forma direta, e isto só é possível morrendo psicologicamente, dissolvendo o eu, acabando para sempre com o mim mesmo.

De nada serviria continuar sonhando com a Liberdade, se de todas as maneiras prosseguimos como escravos.

Mais vale ver-nos a nós mesmos, tal qual somos, observar cuidadosamente todos estes grilhões da escravidão que nos mantém em formal prisão.

Autoconhecendo-nos, vendo o que somos interiormente, descobriremos a porta da autêntica Liberdade.

CAPÍTULO V

A LEI DO PÊNDULO

Resulta interessante ter um relógio de parede em casa, não só para saber as horas, senão também para reflexionar um pouco.

Sem o pêndulo o relógio não funciona; o movimento do pêndulo é profundamente significativo.

Nos tempos antigos o dogma da evolução não existia; então os sábios entendiam que os processos históricos se desenvolvem sempre de acordo com a Lei do Pêndulo.

Tudo flui e reflui, sobe e baixa, cresce e decresce, vai e vem de acordo com esta Lei maravilhosa.

Nada tem de estranho que tudo oscile, que tudo esteja submetido ao vai e vem do tempo, que tudo evolucione e involucione.

Em um extremo do pêndulo está a alegria, no outro a dor; todas as nossas emoções, pensamentos, anelos, desejos, oscilam de acordo com a Lei do Pêndulo.

Esperança e desespero, pessimismo e otimismo, paixão e dor, triunfo e fracasso, ganância e perda, correspondem certamente aos dois extremos do movimento pendular.

Surgiu o Egito com todo seu poderio e senhorio às margens do rio sagrado, mas quando o pêndulo se foi para o outro lado, quando se levantou pelo extremo oposto, caiu o país dos faraós e se levantou Jerusalém, a cidade querida dos Profetas.

Caiu Israel quando o pêndulo mudou de posição e surgiu no outro extremo o Império Romano.

O movimento pendular levanta e afunda Impérios, faz surgir poderosas Civilizações e logo as destrói, etc.

Podemos colocar no extremo direito do pêndulo as diversas escolas pseudoesotéricas e pseudo-ocultistas, religiões e seitas.

Podemos colocar no extremo esquerdo do movimento pendular todas as escolas do tipo materialista, Marxista, ateísta, ceticista, etc. Antíteses do movimento pendular, que mudam, sujeitas à permutação incessante.

O fanático religioso, devido a qualquer acontecimento insólito ou decepção, pode ir para o outro extremo do pêndulo, converter-se em ateísta, materialista, cético.

O fanático materialista, ateu, devido a qualquer fato inusitado, talvez um acontecimento metafísico transcendental, um momento de terror indizível, pode levar-lhe ao extremo oposto do movimento pendular e converter-lhe em um reacionário religioso insuportável.

Exemplos: Um sacerdote vencido em uma polêmica por um Esoterista, desesperado, tornou-se incrédulo e materialista.

Conhecemos o caso de uma dama ateu e incrédula que, devido a um fato metafísico conclusivo e definitivo, converteu-se em uma expoente magnífica do esoterismo prático.

Em nome da verdade, devemos declarar que o ateu materialista verdadeiro e absoluto, é uma farsa, não existe.

Ante a proximidade de uma morte inevitável, ante um instante de indizível terror, os inimigos do eterno, os materialistas e incrédulos, passam instantaneamente para o outro extremo do pêndulo e resultam orando, chorando e clamando com infinita fé e enorme devoção.

O mesmo Karl Marx, autor do Materialismo Dialético, foi um fanático religioso judeu e, depois de sua morte, renderam-lhe pompas fúnebres de grande rabino.

Karl Marx elaborou sua Dialética Materialista com um só propósito: “CRIAR UMA ARMA PARA DESTRUIR TODAS AS RELIGIÕES DO MUNDO POR MEIO DO Ceticismo”.

É o caso típico dos ciúmes religiosos levados ao extremo; de modo algum Marx poderia aceitar a existência de outras religiões e preferiu destruí-las mediante sua Dialética.

Karl Marx cumpriu um dos Protocolos de Sião que diz textualmente: “Não importa que enchamos o mundo de materialismo e de repugnante ateísmo, o dia em que nós triunfemos, ensinaremos a religião de Moisés devidamente codificada e de forma dialética e não permitiremos no mundo nenhuma outra religião”.

Muito interessante resulta que na União Soviética as religiões sejam perseguidas e ao povo se ensine dialética materialista, enquanto nas sinagogas estuda-se o Talmud, a Bíblia e a religião e trabalham livremente sem problema algum.

Os amos do governo Russo são fanáticos religiosos da Lei de Moisés, mas eles envenenam o povo com a farsa desse Materialismo Dialético.

Jamais nos pronunciaríamos contra o povo de Israel; só estamos declarando contra certa elite de jogo duplo que, perseguindo fins inconfessáveis,

envenena o povo com Dialética Materialista, enquanto em segredo pratica a religião de Moisés.

Materialismo e espiritualismo, com toda sua sequela de teorias, prejuízos e preconceitos de toda espécie, se processam na mente de acordo com a Lei do Pêndulo e mudam de moda de acordo com os tempos e os costumes.

Espírito e matéria são dois conceitos muito discutíveis e espinhosos que ninguém entende. Nada sabe a mente sobre o espírito, nada sabe sobre a matéria.

Um conceito não é mais que isso, um conceito. A realidade não é um conceito, ainda que a mente possa forjar muitos conceitos sobre a realidade.

O espírito é o espírito (O Ser), e só a si mesmo pode conhecer-se.

Está escrito: “O SER É O SER E A RAZÃO DE SER É O MESMO SER”.

Os fanáticos do Deus matéria, os cientistas do Materialismo Dialético são empíricos e absurdos em cem por cento. Falam sobre matéria com uma auto-suficiência deslumbrante e estúpida, quando em realidade nada sabem sobre a mesma.

O que é matéria? Qual destes tontos científicos o sabe? A tão cacarejada matéria é também um conceito demasiado discutível e bastante espinhoso.

Qual é a matéria? O algodão? O ferro? A carne? O amido? Uma pedra? O cobre? Uma nuvem ou o quê? Dizer que tudo é matéria seria tão empírico e absurdo como assegurar que todo o organismo humano é um fígado, um coração ou um rim. Obviamente uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa, cada órgão é diferente e cada substância é distinta. Então qual de todas estas substâncias é a tão cacarejada matéria?

Com os conceitos do pêndulo joga muita gente, mas em realidade os conceitos não são a realidade.

A mente somente conhece formas ilusórias da natureza, mas nada sabe sobre a verdade contida em tais formas.

As teorias saem da moda com o tempo e com os anos, e o que alguém aprendeu na escola resulta que depois já não serve; conclusão: ninguém sabe nada.

Os conceitos da extrema direita ou da extrema esquerda do pêndulo passam como as modas das mulheres, todos esses são processos da mente, coisas que sucedem na superfície do entendimento, tolices, vaidades do intelecto.

A qualquer disciplina psicológica opõe-se outra disciplina, a qualquer processo psicológico logicamente estruturado opõe-se outro semelhante, e depois de tudo, o quê?

O real, a verdade, é o que nos interessa; mas isto não é questão do pêndulo, não se encontra entre o vai e vem das teorias e crenças.

A verdade é o desconhecido de instante em instante, de momento em momento.

A verdade está no centro do pêndulo, não na extrema direita e tampouco na extrema esquerda.

Quando a Jesus perguntaram: O que é a verdade? Guardou um profundo silêncio. E quando ao Buda fizeram a mesma pergunta, deu as costas e retirou-se.

A verdade não é questão de opiniões, nem de teorias, nem de prejuízos de extrema direita ou de extrema esquerda.

O conceito que a mente pode forjar sobre a verdade, jamais é a verdade. A idéia de que o entendimento tenha sobre a verdade, nunca é a verdade.

A opinião que tenhamos sobre a verdade, por muito respeitável que seja, de modo algum é a verdade. Nem as correntes espiritualistas, nem seus oponentes materialistas, podem nos conduzir jamais à verdade.

A verdade é algo que deve ser experimentado de forma direta, como quando alguém mete o dedo no fogo e se queima, ou como quando alguém traga água e se afoga.

O centro do pêndulo está dentro de nós mesmos e é ali onde devemos descobrir e experimentar de forma direta o real, a verdade.

Precisamos autoexplorar-nos diretamente para nos autodescobrir e conhecer-nos profundamente a nós mesmos.

A experiência da verdade só advém quando tenhamos eliminado os elementos indesejáveis que em seu conjunto constituem o mim mesmo.

Só eliminando o erro vem a verdade. Só desintegrando o “Eu mesmo”, meus erros, meus preconceitos e temores, minhas paixões e desejos, crenças e fornicações, encastelamentos intelectuais e autossuficiências de toda espécie, advém a nós a experiência do real.

A verdade nada tem a ver com o que se disse ou deixou de dizer, com o que se escreveu ou deixou de escrever, ela somente advém a nós quando o “mim mesmo” tiver morrido.

A mente não pode buscar a verdade porque não a conhece. A mente não pode reconhecer a verdade porque jamais a conheceu. A verdade advém a nós de forma espontânea quando eliminamos todos os elementos indesejáveis que constituem o “mim mesmo”, o “eu mesmo”.

Enquanto a consciência continue engarrafada entre o eu mesmo, não poderá experimentar isso que é o real, isso que está mais além do corpo, dos afetos e da mente, isso que é a verdade.

Quando o mim mesmo fica reduzido a poeira cósmica, a consciência se libera para despertar definitivamente e experimentar de forma direta a verdade.

Com justa razão disse o Grande Kabir Jesus: “CONHECEI A VERDADE E ELA VOS FARÁ LIVRES”. De que serve para o homem conhecer cinqüenta mil teorias se jamais experimentou a verdade?

O sistema intelectual de qualquer homem é muito respeitável, mas a qualquer sistema opõe-se outro e nem um nem outro é a verdade.

Mais vale autoexplorar-nos para nos autoconhecer e experimentar um dia, de forma direta, o real, a VERDADE.

CAPÍTULO VI

CONCEITO E REALIDADE

Quem ou o que pode garantir que o conceito e a realidade resultem absolutamente iguais?

O conceito é uma coisa e a realidade é outra e existe uma tendência a superestimar nossos próprios conceitos.

Realidade igual a conceito é algo quase impossível, sem embargo, a mente hipnotizada por seu próprio conceito supõe sempre que este e a realidade são iguais.

A um processo psicológico qualquer corretamente estruturado mediante uma lógica exata, opõe-se outro diferente recém-formado com lógica similar ou superior, então o quê?

Duas mentes severamente disciplinadas dentro de férreas estruturas intelectuais discutindo entre si, polemizando, sobre tal ou qual realidade creem cada uma na exatidão de seu próprio conceito e na falsidade do conceito alheio, mas qual delas tem a razão? Quem poderia honradamente sair de fiador em um ou outro caso? Em qual deles, conceito e realidade resultam iguais?

Inquestionavelmente cada cabeça é um mundo e em todos e em cada um de nós existe uma espécie de dogmatismo pontifício e ditatorial que quer nos fazer crer na igualdade absoluta de conceito e realidade.

Por mais fortes que sejam as estruturas de um raciocínio nada pode garantir a igualdade absoluta de conceitos e realidades.

Aqueles que estão autoencerrados dentro de qualquer procedimento logístico intelectual querem fazer sempre coincidir a realidade dos fenômenos com os elaborados conceitos e isto não é mais que o resultado da alucinação raciocinativa.

Abrir-se ao novo é a difícil facilidade do clássico; desgraçadamente a pessoa quer descobrir, ver em todo fenômeno natural seus próprios preconceitos, conceitos, prejuízos, opiniões e teorias; ninguém sabe ser receptivo, ver o novo com mente limpa e espontânea.

Que os fenômenos falem ao sábio seria o mais indicado; desafortunadamente os sábios destes tempos não sabem ver os fenômenos, só querem ver nos mesmos a confirmação de todos os seus preconceitos.

Ainda que pareça incrível, os cientistas modernos nada sabem sobre os fenômenos naturais.

Quando vemos nos fenômenos da natureza exclusivamente nossos próprios conceitos, certamente não estamos vendo os fenômenos, senão os conceitos.

Embora, alucinados os tontos cientistas por seu fascinante intelecto, creem de forma estúpida que cada um de seus conceitos é absolutamente igual a tal ou qual fenômeno observado, quando a realidade é diferente.

Não negamos que nossas afirmações sejam rechaçadas por todo aquele que esteja autoencerrado por tal ou qual procedimento logístico; inquestionavelmente a condição pontifícia e dogmática do intelecto de modo algum poderia aceitar que tal ou qual conceito corretamente elaborado não coincida exatamente com a realidade.

Tão logo a mente, através dos sentidos, observa tal ou qual fenômeno, se apressa de imediato a rotulá-lo com tal ou qual termo cientificista que inquestionavelmente só vem a servir como remendo para tapar a própria ignorância.

A mente não sabe realmente ser receptiva ao novo, mas sim sabe inventar complicadíssimos termos com os quais pretende qualificar de forma autoenganosa o que certamente ignora.

Falando desta vez em sentido Socrático, diremos que a mente não somente ignora, senão, ademais, ignora que ignora.

A mente moderna é terrivelmente superficial, especializou-se em inventar termos difíceis para tapar sua própria ignorância.

Existem duas classes de ciência: a primeira não é mais que esta podridão de teorias subjetivas que abundam por ali. A segunda é a ciência pura dos grandes iluminados, a ciência objetiva do Ser.

Indubitavelmente não seria possível penetrar no anfiteatro da ciência cósmica, se antes não tivérmos morrido em nós mesmos.

Necessitamos desintegrar todos esses elementos indesejáveis que carregamos em nosso interior, e que em seu conjunto constituem o si mesmo, o Eu da Psicologia.

Enquanto a consciência superlativa do ser continue engarrafada entre o mim mesmo, entre meus próprios conceitos e teorias subjetivas, resulta absolutamente impossível conhecer diretamente a crua realidade dos fenômenos naturais em si mesmos.

A chave do laboratório da natureza, a tem em sua mão destra o Anjo da Morte.

Muito pouco podemos aprender do fenômeno do nascimento, mas da morte poderemos aprender tudo.

O templo inviolado da ciência pura encontra-se no fundo da negra sepultura. Se o germe não morre a planta não nasce. Só com a morte advém o novo.

Quando o Ego morre, a consciência desperta para ver a realidade de todos os fenômenos da natureza tal qual são em si mesmos e por si mesmos.

A consciência sabe o que diretamente experimenta por si mesma, o cru realismo da vida mais além do corpo, dos afetos e da mente.

CAPÍTULO VII

A DIALÉTICA DA CONSCIÊNCIA

No trabalho esotérico relacionado com a eliminação dos elementos indesejáveis que carregamos em nosso interior, surge às vezes o fastio, o cansaço e o aborrecimento.

Inquestionavelmente necessitamos voltar sempre ao ponto de partida original e revalorizar os fundamentos do trabalho psicológico, se é que de verdade anelamos uma mudança radical.

Amar o trabalho esotérico é indispensável quando de verdade se quer uma transformação interior completa.

Enquanto não amemos o trabalho psicológico conducente à mudança, a reavaliação de princípios resulta algo mais que impossível.

Seria absurdo supor que pudéssemos nos interessar pelo trabalho, se em realidade não tivermos chegado a amá-lo.

Isto significa que o amor é inadiável quando em uma ou outra vez tratamos de revalorizar fundamentos do trabalho psicológico.

Urge, antes de tudo, saber o que é isso que se chama consciência, pois são muitas as pessoas que nunca se interessaram por saber nada sobre a mesma.

Qualquer pessoa comum e corrente jamais ignoraria que um boxeador ao cair nocauteado sobre o ringue perde a consciência.

É claro que ao voltar a si, o desventurado pugilista adquire novamente a consciência.

Sequencialmente qualquer um compreende que existe uma clara diferença entre a personalidade e a consciência.

Ao vir ao mundo, todos temos na existência uns três por cento de consciência e uns noventa e sete por cento repartido entre subconsciência, infraconsciência e inconsciência.

Os três por cento de consciência desperta pode ser acrescentada à medida que trabalhemos sobre nós mesmos. Não é possível acrescentar consciência mediante procedimentos exclusivamente físicos ou mecânicos.

Indubitavelmente a consciência somente pode despertar à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários.

Existem vários tipos de energia dentro de nós mesmos, devemos compreender: Primeira.- energia mecânica. Segunda.- energia vital.

Terceira.- energia psíquica. Quarta.- energia mental. Quinta.- energia da vontade. Sexta.- energia da consciência. Sétima.- energia do espírito puro.

Por mais que multiplicássemos a energia estritamente mecânica, jamais lograríamos despertar consciência.

Por mais que incrementássemos as forças vitais dentro de nosso organismo, nunca chegaríamos a despertar consciência.

Muitos processos psicológicos realizam-se dentro de nós mesmos, sem que por isso intervenha para nada a consciência.

Por maiores que sejam as disciplinas da mente, a energia mental não logrará nunca despertar os diversos funcionalismos da consciência.

A força da vontade, ainda que fosse multiplicada até o infinito, não consegue despertar a consciência.

Todos estes tipos de energia escalonam-se em distintos níveis e dimensões que nada têm a ver com a consciência.

A consciência só pode ser despertada mediante trabalhos conscientes e retos esforços.

A pequena porcentagem de consciência que a humanidade possui, em vez de ser incrementada, costuma ser desperdiçada inutilmente na vida.

É obvio que ao nos identificar com todos os sucessos de nossa existência esbanjamos inutilmente a energia da consciência.

Nós deveríamos ver a vida como um filme sem nos identificarmos jamais com nenhuma comédia, drama ou tragédia, assim pouparíamos energia consciente.

A consciência em si mesma é um tipo de energia com elevadíssima frequência vibratória.

Não há que confundir a consciência com a memória, pois são tão diferentes uma da outra, como é a luz dos faróis do automóvel com relação à estrada por onde andamos.

Muitos atos realizam-se dentro de nós mesmos, sem participação alguma disso que se chama consciência. Em nosso organismo sucedem muitos ajustes e reajustes, sem que por isso a consciência participe dos mesmos.

O centro motor de nosso corpo pode manejar um automóvel ou dirigir os dedos que tocam no teclado de um piano sem a mais insignificante participação da consciência.

A consciência é a luz que o inconsciente não percebe.

O cego tampouco percebe a luz física solar, mas ela existe por si mesma.

Necessitamos nos abrir para que a luz da consciência penetre nas trevas espantosas do mim mesmo, do si mesmo.

Agora compreenderemos melhor o significado das palavras de João, quando no Evangelho disse: “A luz veio às trevas, mas as trevas não a compreenderam”.

Mas seria impossível que a luz da consciência pudesse penetrar dentro das trevas do eu mesmo, se previamente não usássemos o sentido maravilhoso da auto-observação psicológica.

Necessitamos abrir o caminho à luz para iluminar as profundidades tenebrosas do Eu da Psicologia.

Alguém jamais se auto-observaria se não tivesse interesse em mudar, tal interesse somente é possível quando alguém ama de verdade os ensinamentos esotéricos.

Agora compreenderão, nossos leitores, o motivo pelo qual aconselhamos revalorizar uma e outra vez as instruções concernentes ao trabalho sobre si mesmo.

A consciência desperta nos permite experimentar de forma direta a realidade.

Desafortunadamente o animal intelectual, equivocadamente chamado homem, fascinado pelo poder formulador da lógica dialética, esqueceu a dialética da consciência.

Inquestionavelmente o poder para formular conceitos lógicos resulta no fundo terrivelmente pobre.

Da tese podemos passar à antítese e mediante a discussão chegar à síntese, mas esta última em si mesma continua sendo um conceito intelectual que de modo algum pode coincidir com a realidade.

A Dialética da Consciência é mais direta, nos permite experimentar a realidade de qualquer fenômeno em si mesmo.

Os fenômenos naturais de modo algum coincidem exatamente com os conceitos formulados pela mente. A vida se desenvolve de instante em instante e, quando a capturamos para analisá-la, a matamos.

Quando intentamos inferir conceitos ao observar tal ou qual fenômeno natural, de fato deixamos de perceber a realidade do fenômeno e só vemos no mesmo o reflexo das teorias e conceitos rançosos que de modo algum têm a ver com o fato observado.

A alucinação intelectual é fascinante e queremos à força que todos os fenômenos da natureza coincidam com nossa lógica dialética.

A dialética da consciência fundamenta-se nas experiências vividas e não no mero racionalismo subjetivo.

Todas as leis da natureza existem dentro de nós mesmos e se entre nosso interior não as descobrimos, jamais as descobriremos fora de nós mesmos.

O homem está contido no Universo e o Universo está contido no homem.

Real é aquilo que alguém mesmo experimenta em seu interior, só a consciência pode experimentar a realidade.

A linguagem da consciência é simbólica, íntima, profundamente significativa e só os despertos a podem compreender.

Quem quiser despertar a consciência deve eliminar de seu interior todos os elementos indesejáveis que constituem o Ego, o Eu, o Mim mesmo, dentro dos quais se acha engarrafada a essência.

CAPÍTULO VIII

O JARGÃO CIENTIFISTA

A dialética lógica resulta condicionada e qualificada, ademais, pelas proposições “em” e “acerca de” que jamais nos levam à experiência direta do real.

Os fenômenos da natureza distam muito de ser como os cientistas os veem. Certamente tão logo um fenômeno qualquer é descoberto, de imediato lhe qualifica ou rotula com tal ou qual termo difícil do jargão científico.

Obviamente esses dificílimos termos do cientificismo moderno só servem de remendo para tapar a ignorância. Os fenômenos naturais de modo algum são como os cientificistas os veem.

A vida com todos os seus processos e fenômenos se desenvolve de momento em momento, de instante em instante, e quando a mente cientificista a detém para analisá-la, de fato a mata.

Qualquer inferência extraída de um fenômeno natural qualquer, de nenhuma maneira é igual à realidade concreta do fenômeno, desgraçadamente a mente do científico alucinada por suas próprias teorias crê firmemente no realismo de suas inferências.

O intelecto alucinado não somente vê nos fenômenos o reflexo de seus próprios conceitos, senão, além disso, e o que é pior, quer de forma ditatorial fazer que os fenômenos resultem exatos e absolutamente iguais a todos esses conceitos que levam no intelecto.

O fenômeno da alucinação intelectual é fascinante, nenhum desses tontos cientistas ultramodernos admitiria a realidade de sua própria alucinação.

Certamente os sabichões destes tempos de modo algum admitiriam que os qualificasse de alucinados. A força da autossugestão lhes fez crer na realidade de todos esses conceitos do jargão cientificista.

Obviamente a mente alucinada presume-se de onisciente e de forma ditatorial quer que todos os processos da natureza marchem pelos trilhos de suas sabichonices.

Nem bem apareceu um novo fenômeno, classifica-lhe, rotula-lhe e coloca-lhe em tal ou qual lugar, como se em verdade lhe tivesse compreendido.

São milhares os termos que foram inventados para rotular fenômenos, mas nada sabem os pseudossapientes sobre a realidade daqueles.

Como exemplo vívido de tudo o que neste capítulo estamos afirmando, citaremos o corpo humano.

Em nome da verdade podemos afirmar de forma enfática que este corpo físico é absolutamente desconhecido para os cientistas modernos.

Uma afirmação deste tipo poderia aparecer como muito insolente ante os pontífices do cientificismo moderno. Inquestionavelmente merecemos deles a excomunhão.

Sem embargo, temos bases muito sólidas para fazer tão tremenda afirmação; desgraçadamente as mentes alucinadas estão convencidas de sua pseudossapiência, que nem remotamente poderiam aceitar o cru realismo de sua ignorância.

Se disséssemos aos hierarcas do cientificismo moderno, que o Conde de Cagliostro, interessantíssimo personagem dos séculos XVI, XVII, XVIII ainda vive em pleno século XX, se lhes disséssemos que o insigne Paracelso, insigne facultativo da Idade Média, ainda existe, todavia, podeis estar seguros de que os hierarcas do cientificismo atual ririam de nós e jamais aceitariam nossas afirmações.

Sem embargo, é assim: Vivem atualmente sobre a face da terra os autênticos mutantes, homens imortais com corpos que datam de milhares e de milhões de anos atrás.

O autor desta obra conhece os mutantes, embora não ignora o ceticismo moderno, a alucinação dos cientistas e o estado da ignorância dos sabichões.

Por tudo isto de modo algum cairíamos na ilusão de crer que os fanáticos do jargão científico aceitassem a realidade de nossas insólitas declarações.

O corpo de qualquer mutante é um franco desafio ao jargão científico destes tempos.

O corpo de qualquer mutante pode mudar de figura e retornar logo a seu estado normal sem receber dano algum.

O corpo de qualquer mutante pode penetrar instantaneamente na quarta vertical e até assumir qualquer forma vegetal ou animal e retornar posteriormente a seu estado normal sem receber prejuízo algum.

O corpo de qualquer mutante desafia violentamente os velhos textos de Anatomia oficial. Desgraçadamente nenhuma destas declarações poderia vencer os alucinados do jargão científico.

Esses senhores, sentados sobre seus tronos pontifícios, inquestionavelmente nos olharão com desdém, talvez com ira, e possivelmente até com um pouco de piedade.

Embora a verdade é o que é e a realidade dos mutantes é um franco desafio a toda teoria ultramoderna. O autor da obra conhece os mutantes, mas não espera que ninguém creia nele.

Cada órgão do corpo humano está controlado por leis e forças que nem remotamente conhecem os alucinados do jargão científico.

Os elementos da natureza são em si mesmos desconhecidos para a ciência oficial; as melhores fórmulas químicas estão incompletas: H_2O , dois átomos de Hidrogênio e um de Oxigênio para formar a água, resulta empírico.

Se tratamos de juntar em um laboratório o átomo de Oxigênio com os dois de Hidrogênio, não resulta água, nem nada, porque esta fórmula está incompleta, falta-lhe o elemento fogo, só com este citado elemento poderia criar a água.

A inteligência por mais brilhante que pareça não pode conduzir-nos jamais à experiência do real.

A classificação de substâncias e os termos chulos difíceis com os quais se rotula as mesmas, só servem como remendo para tapar a ignorância.

Isso de querer o intelecto que tal ou qual substância possua determinado nome e características resulta absurdo e insuportável.

Por que o intelecto se presume onisciente? Por que alucina-se crendo que as substâncias e fenômenos são como ele crê que são? Por que quer a inteligência que a natureza seja uma réplica perfeita de todas as suas teorias, conceitos, opiniões, dogmas, preconceitos, prejuízos?

Em realidade os fenômenos naturais não são como se crê que são e as substâncias e forças da natureza de nenhuma maneira são como o intelecto pensa que são.

A consciência desperta não é a mente, nem a memória, nem semelhante. Só a consciência liberada pode experimentar por si mesma e de forma direta a realidade da vida livre em seu movimento.

Embora devemos afirmar de forma enfática que enquanto existir dentro de nós mesmos qualquer elemento subjetivo, a consciência continuará engarrafada em tal elemento e, portanto, não poderá gozar da iluminação contínua e perfeita.

CAPÍTULO IX

O ANTICRISTO

O chispeante intelectualismo como funcionalismo manifesto do Eu psicológico, indubitavelmente é O ANTICRISTO.

Aqueles que supõem que o ANTICRISTO é um personagem estranho nascido em tal ou qual lugar da terra ou vindo deste ou daquele país, estão certamente completamente equivocados.

Temos dito de forma enfática que o ANTICRISTO não é de modo algum um sujeito definido, senão todos os sujeitos.

Obviamente o ANTICRISTO radica no fundo de cada pessoa e se expressa de forma múltipla.

O intelecto posto a serviço do espírito resulta útil; o intelecto divorciado do espírito devém inútil. Do intelectualismo sem espiritualidade surgem os patifes, viva manifestação do ANTICRISTO.

Obviamente o patife em si mesmo e por si mesmo é o ANTICRISTO. Desgraçadamente o mundo atual com todas as suas tragédias e misérias está governado pelo ANTICRISTO.

O estado caótico em que se encontra a humanidade atual indubitavelmente deve-se ao ANTICRISTO. O iníquo, de que falara Paulo de Tarso em suas epístolas, é certamente um cru realismo destes tempos. O iníquo já veio e se manifesta por todas as partes, certamente tem o dom da ubiquidade.

Discute nos cafés, faz negociações na ONU, senta-se comodamente em Genebra, realiza experimentos de laboratório, inventa bombas atômicas, foguetes teleguiados, gases asfixiantes, bombas bacteriológicas, etc., etc., etc.

Fascinado o ANTICRISTO com seu próprio intelectualismo, exclusividade absoluta dos sabichões, crê que conhece todos os fenômenos da natureza.

O ANTICRISTO crendo-se onisciente, engarrafado entre toda podridão de suas teorias, rechaça inteiramente tudo aquilo que se pareça a Deus ou que se adore.

A autossuficiência do ANTICRISTO, o orgulho e a soberba que possui, é algo insuportável. O ANTICRISTO odeia mortalmente as virtudes cristãs da fé, da paciência e da humildade.

Todo joelho dobra-se ante o ANTICRISTO. Obviamente aquele inventou aviões ultrassônicos, barcos maravilhosos, flamantes automóveis, remédios surpreendentes, etc.

Nestas condições, quem poderia duvidar do ANTICRISTO? Quem se atreve nestes tempos a pronunciar-se contra todos estes milagres e prodígios do filho da perdição condena a si mesmo à burla de seus semelhantes, ao sarcasmo, à ironia, ao qualificativo de estúpido e ignorante.

Custa trabalho fazer entender isto às pessoas sérias e estudiosas, estas em si mesmas reagem, opõem resistência.

É claro que o animal intelectual equivocadamente chamado homem, é um robô programado com jardim de infância, escola primária, secundária, preparatória, universidade, etc.

Ninguém pode negar que um robô programado funciona de acordo com o programa, de nenhuma maneira poderia funcionar se lhe tirasse do programa.

O ANTICRISTO elaborou o programa com o qual se programam os robôs humanoides destes tempos decadentes.

Fazer estes esclarecimentos, pôr ênfase no que estou dizendo, resulta espantosamente difícil por estar fora de programa, nenhum humanoide robô poderia admitir coisas que estão fora do programa.

É tão grave esta questão e são tão tremendos os enfrascamentos da mente que, de modo algum, um robô humanoide qualquer suspeitaria nem remotamente que o programa não serve, pois ele foi arranjado de acordo com o programa, e duvidar do mesmo lhe pareceria uma heresia, algo incongruente e absurdo.

Que um robô duvide de seu programa é um disparate, algo absolutamente impossível pois sua mesmíssima existência deve-se ao programa.

Desgraçadamente as coisas não são como pensa o robô humanoide; existe outra ciência, outra sabedoria, inaceitável para o robô humanoide.

Reage o robô humanoide e tem razão em reagir pois não foi programado para outra ciência nem para outra cultura, nem para nada diferente a seu consabido programa.

O ANTICRISTO elaborou os programas do robô humanoide, o robô se prosterna humilde ante seu amo. Como poderia duvidar o robô da sapiência de seu amo?

Nasce a criança inocente e pura; a essência expressando-se em cada criatura é preciosa em grande maneira.

Inquestionavelmente a natureza deposita nos cérebros dos recém-nascidos todos esses dados selvagens, naturais, silvestres, cósmicos, espontâneos,

indispensáveis para a captura ou apreensão das verdades contidas em qualquer fenômeno natural perceptível para os sentidos.

Isto significa que a criança recém-nascida poderia por si mesmo descobrir a realidade de cada fenômeno natural, desgraçadamente interfere o programa do ANTICRISTO e as maravilhosas qualidades que a natureza depositou no cérebro do recém-nascido logo são destruídas.

O ANTICRISTO proíbe pensar de forma diferente; toda criatura que nasce, por ordem do ANTICRISTO deve ser programada.

Não há dúvida de que o ANTICRISTO odeia mortalmente aquele precioso sentido do Ser, conhecido como “faculdade de percepção instintiva das verdades cósmicas”.

Ciência pura, diferente de toda podridão de teorias universitárias que existem por aqui, por lá e acolá, é algo inadmissível para os robôs do ANTICRISTO.

Muitas guerras, fomes e enfermidades foram propagadas pelo ANTICRISTO em toda a redondeza da terra e não há dúvida de que seguirá propagando-as antes que chegue a catástrofe final.

Desafortunadamente chegou a hora da grande apostasia anunciada por todos os profetas e nenhum ser humano se atreveria a pronunciar-se contra o ANTICRISTO.

CAPÍTULO X

O EU PSICOLÓGICO

Esta questão do mim mesmo, o que eu sou, isso que pensa, sente e atua, é algo que devemos autoexplorar para conhecer profundamente.

Existem por todas as partes muitas lindas teorias que atraem e fascinam; embora de nada serviria tudo isso se não nos conhecêssemos a nós mesmos.

É fascinante estudar astronomia ou distrair-se um pouco lendo obras sérias, sem embargo, resulta irônico converter-se em um erudito e não saber nada sobre si mesmo, sobre o eu sou, sobre a humana personalidade que possuímos.

Cada qual é muito livre para pensar o que quiser e a razão subjetiva do animal intelectual equivocadamente chamado homem dá para tudo, o mesmo pode fazer de uma pulga um cavalo que de um cavalo uma pulga; são muitos os intelectuais que vivem julgando com o racionalismo. E depois de tudo o quê?

Ser erudito não significa ser sábio. Os ignorantes ilustrados abundam como a erva daninha e não somente não sabem, senão, além disso, nem sequer sabem que não sabem.

Entenda-se por ignorantes ilustrados os sabichões que creem que sabem e nem sequer conhecem a si mesmos.

Poderíamos teorizar formosamente sobre o eu da Psicologia, mas não é isso precisamente o que nos interessa neste capítulo.

Necessitamos conhecer a nós mesmos por via direta sem o processo deprimente da opção.

De modo algum isto seria possível sem nos auto-observar em ação de instante em instante, de momento em momento.

Não se trata de vermos através de alguma teoria ou de uma simples especulação intelectual.

Vermos diretamente tal qual somos é o interessante; só assim poderemos chegar ao conhecimento verdadeiro de nós mesmos.

Ainda que pareça incrível nós estamos equivocados com respeito a nós mesmos. Muitas coisas que cremos não ter, temos, e muitas que cremos ter, não temos.

Formamos falsos conceitos sobre nós mesmos e devemos fazer um inventário para saber o que nos sobra e o que nos falta.

Supomos que temos tais ou quais qualidades que em realidade não temos e muitas virtudes que possuímos certamente as ignoramos.

Somos pessoas adormecidas, inconscientes e isso é o grave. Desafortunadamente pensamos de nós mesmos o melhor e nem sequer suspeitamos que estamos adormecidos.

As sagradas escrituras insistem na necessidade de despertar, mas não explicam o sistema para lograr esse despertar.

O pior do caso é que são muitos os que leram as sagradas escrituras e nem sequer entendem que estão adormecidos.

Todo mundo crê que conhece a si mesmo e nem remotamente suspeitam que existe “a doutrina dos muitos”. Realmente o eu psicológico de cada um é múltiplo, devém sempre como muitos.

Com isto queremos dizer que temos muitos eus e não um só, como supõem sempre os ignorantes ilustrados.

Negar a doutrina dos muitos é fazer-se de tonto a si mesmo, pois, de fato, seria o cúmulo dos cúmulos ignorar as contradições íntimas que cada um de nós possui.

Vou ler um jornal, disse o eu do intelecto; ao diabo com tal leitura, exclama o eu do movimento; prefiro fazer um passeio de bicicleta. Que passeio que nada! Grita um terceiro em discórdia; prefiro comer, tenho fome.

Se nos pudéssemos ver em um espelho de corpo inteiro, tal como somos, descobriríamos por nós mesmos de forma direta a doutrina dos muitos.

A personalidade humana é tão só uma marionete controlada por fios invisíveis.

O eu que hoje jura amor eterno pela Gnosis, é mais tarde deslocado por outro eu que nada tem a ver com o juramento: então o sujeito retira-se.

O eu que hoje jura amor eterno a uma mulher é mais tarde deslocado por outro que nada tem a ver com esse juramento, então o sujeito se enamora por outra e o castelo de naipes vai ao chão.

O animal intelectual equivocadamente chamado homem é como uma casa cheia de muita gente.

Não existe ordem nem concordância alguma entre os múltiplos eus, todos eles rixam entre si e disputam a supremacia. Quando algum deles consegue o controle dos centros capitais da máquina orgânica, sente-se o único, o amo, embora ao fim seja derrotado.

Considerando as coisas a partir deste ponto de vista, chegamos à conclusão lógica de que o mamífero intelectual não tem verdadeiro sentido de responsabilidade moral.

Inquestionavelmente o que a máquina diga ou faça em um momento dado, depende exclusivamente do tipo de eu que nesses instantes a controle.

Dizem que Jesus de Nazaré tirou do corpo de Maria Madalena sete demônios, sete eus, viva personificação dos sete pecados capitais.

Obviamente cada um destes sete demônios é cabeça de legião, portanto devemos pôr como corolário que o Cristo íntimo pôde expulsar do corpo da Madalena milhares de eus.

Reflexionando sobre todas essas coisas podemos inferir claramente que a única coisa digna que nós possuímos em nosso interior é a ESSÊNCIA, desafortunadamente a mesma encontra-se enfrascada entre todos esses múltiplos eus da Psicologia revolucionária.

É lamentável que a essência se processe sempre em virtude de seu próprio engarrafamento. Inquestionavelmente a essência ou consciência, que é o mesmo, dorme profundamente.

CAPÍTULO XI

AS TREVAS

Um dos problemas mais difíceis de nossa época certamente vem a ser o intrincado labirinto das teorias.

Indubitavelmente, por estes tempos multiplicaram-se exorbitantemente por aqui, por lá e acolá as escolas pseudoesoteristas e pseudo-ocultistas.

A mercadoria de almas, de livros e teorias é pavorosa, raro é aquele que entre a teia de aranha de tantas ideias contraditórias, logre, de verdade, achar o caminho secreto.

O mais grave de tudo isto é a fascinação intelectual; existe a tendência de nutrir-se estritamente de forma intelectual com tudo o que chega à mente.

Os vagabundos do intelecto já não se contentam com toda essa livraria subjetiva e de tipo geral que abunda nos mercados de livros, senão que agora, e para o cúmulo dos cúmulos, também abarrotam-se e indigestam-se com o pseudoesoterismo e pseudo-ocultismo barato que abunda por todas as partes como a erva daninha.

O resultado de todos estes jargões é a confusão e desorientação manifesta dos patifes do intelecto.

Constantemente recebo cartas e livros de toda espécie; os remetentes como sempre me interrogando sobre esta ou aquela escola, sobre tal ou qual livro, eu me limito a responder o seguinte: Deixe você a ociosidade mental; você não tem porquê importar-se com a vida alheia, desintegre o eu animal da curiosidade, a Você não deve lhe importar as escolas alheias, torne-se sério, conheça-se a si mesmo, estude-se a si mesmo, observe-se a si mesmo, etc., etc., etc.

Realmente o importante é conhecer-se a si mesmo profundamente em todos os níveis da mente.

As trevas são a inconsciência; a luz é a consciência; devemos permitir que a luz penetre em nossas trevas; obviamente a luz tem poder para vencer as trevas. Desgraçadamente as pessoas encontram-se autoencerradas dentro do ambiente fétido e imundo de sua própria mente, adorando seu querido Ego.

Não querem dar-se conta as pessoas de que não são donas de sua própria vida, certamente cada pessoa está controlada desde dentro por muitas outras pessoas, quero me referir de forma enfática a toda essa multiplicidade de eus que levamos dentro.

Ostensivelmente cada um desses eus põe em nossa mente o que devemos pensar, em nossa boca o que devemos dizer, no coração o que devemos sentir, etc.

Nestas condições a humana personalidade não é mais que um robô governado por distintas pessoas que disputam a supremacia e que aspiram ao supremo controle dos centros capitais da máquina orgânica.

Em nome da verdade, temos que afirmar solenemente que o pobre animal intelectual equivocadamente chamado homem, ainda que se creia muito equilibrado, vive em um desequilíbrio psicológico completo.

O mamífero intelectual de modo algum é unilateral, se o fosse seria equilibrado.

O animal intelectual é desgraçadamente multilateral e isso é demonstrado até a saciedade.

Como poderia ser equilibrado o humanoide racional? Para que exista equilíbrio perfeito necessita-se da consciência desperta.

Só a luz da consciência dirigida não dos ângulos, senão de forma plena, central, sobre nós mesmos, pode acabar com os contrastes, com as contradições psicológicas e estabelecer em nós o verdadeiro equilíbrio interior.

Se dissolvemos todo esse conjunto de eus que em nosso interior levamos, vem o despertar da consciência e como sequência ou corolário o equilíbrio verdadeiro de nossa própria psique.

Desafortunadamente não querem se dar conta as pessoas da inconsciência em que vivem; dormem profundamente.

Se as pessoas estivessem despertas, cada qual sentiria seus próximos em si mesmos. Se as pessoas estivessem despertas, nossos próximos nos sentiriam em seu interior. Então obviamente as guerras não existiriam e a terra inteira seria na verdade um paraíso.

A luz da consciência, dando-nos verdadeiro equilíbrio psicológico, vem a estabelecer cada coisa em seu lugar e o que antes entrava em conflito íntimo conosco, de fato, fica em seu lugar adequado.

É tal a inconsciência das multidões que nem sequer são capazes de encontrar a relação existente entre luz e consciência.

Inquestionavelmente luz e consciência são dois aspectos do mesmo; onde há luz há consciência. A inconsciência é trevas e estas últimas existem em nosso interior.

Só mediante a auto-observação psicológica permitimos que a luz penetre em nossas próprias trevas. “A luz veio às trevas, mas as trevas não a compreenderam”.

CAPÍTULO XII

AS TRÊS MENTES

Existem por todas as partes muitos patifes do intelecto sem orientação positiva e envenenados pelo asqueroso ceticismo.

Certamente o repugnante veneno do ceticismo contagiou as mentes humanas de forma alarmante desde o século XVIII.

Antes daquele século a famosa ilha Nontrabada ou Encoberta, situada em frente às costas da Espanha, fazia-se visível e tangível constantemente.

Não há dúvida de que tal ilha se encontra localizada dentro da quarta vertical. Muitas são as anedotas relacionadas com essa ilha misteriosa.

Depois do século XVIII a citada ilha perdeu-se na eternidade, ninguém sabe nada sobre a mesma.

Na época do Rei Artur e dos cavaleiros da tábola redonda, os elementais da natureza se manifestavam por todas as partes, penetrando profundamente dentro de nossa atmosfera física.

São muitos os relatos sobre duendes, gênios e fadas que ainda abundam na verde Erim, Irlanda; desafortunadamente, todas estas coisas inocentes, toda esta beleza da alma do mundo, já não são percebidas pela humanidade devido às sabichonices dos patifes do intelecto e ao desenvolvimento desmesurado do Ego animal.

Hoje em dia os sabichões riem de todas estas coisas, não as aceitam, ainda que no fundo nem remotamente tenham logrado a felicidade.

Se as pessoas entendessem que temos três mentes, outro galo cantaria, possivelmente até se interessariam mais por estes estudos.

Desgraçadamente os ignorantes ilustrados, metidos no recôncavo de suas difíceis erudições, nem sequer têm tempo para ocupar-se de nossos estudos seriamente.

Essas pobres pessoas são autossuficientes, encontram-se vaidosas com o vão intelectualismo, pensam que vão pelo caminho reto e nem remotamente supõem que encontram-se metidas em um beco sem saída.

Em nome da verdade devemos dizer que, em síntese, temos três mentes.

A primeira, podemos e devemos chamar de Mente Sensual, a segunda batizaremos com o nome de Mente Intermediária. A terceira chamaremos Mente Interior.

Vamos agora estudar cada uma destas três Mentes em separado e de forma judiciosa.

Inquestionavelmente a Mente Sensual elabora seus conceitos de conteúdo mediante as percepções sensoriais externas.

Nestas condições a Mente Sensual é terrivelmente grosseira e materialista, não pode aceitar nada que não foi demonstrado fisicamente.

Como quer que os conceitos de conteúdo da Mente Sensual tenham como fundamento os dados sensoriais externos, inquestionavelmente nada pode saber sobre o real, a verdade, os mistérios da vida e da morte, sobre a alma e o espírito, etc.

Para os patifes do intelecto, aprisionados totalmente pelos sentidos externos e engarrafados entre os conceitos de conteúdo da mente sensual, nossos estudos esotéricos são loucura.

Dentro da razão da não razão, no mundo do descabelado, eles têm razão devido a estarem condicionados pelo mundo sensorial externo. Como poderia a Mente Sensual aceitar algo que não seja sensual?

Se os dados dos sentidos servem de mola secreta para todos os funcionalismos da Mente Sensual, é obvio que estes últimos têm que originar conceitos sensuais.

Mente Intermediária é diferente, sem embargo, tampouco sabe nada de forma direta sobre o real, limita-se a crer e isso é tudo.

Na Mente Intermediária estão as crenças religiosas, os dogmas inquebrantáveis, etc. Mente Interior é fundamental para a experiência direta da verdade.

Indubitavelmente a Mente Interior elabora seus conceitos de conteúdo com os dados fornecidos pela consciência superlativa do Ser.

Inquestionavelmente a consciência pode vivenciar e experimentar o real. Não há dúvida de que a consciência sabe de verdade.

Sem embargo, para a manifestação da consciência é necessário um mediador, de um instrumento de ação e este em si mesmo é a Mente Interior.

A consciência conhece diretamente a realidade de cada fenômeno natural e mediante a Mente Interior pode manifestá-la.

Abrir a Mente Interior seria o mais indicado a fim de sair do mundo das dúvidas e da ignorância. Isto significa que só abrindo a Mente Interior nasce a fé autêntica no ser humano.

Vista esta questão de outro ângulo, diremos que o ceticismo materialista é a característica peculiar da ignorância. Não há dúvida de que os ignorantes ilustrados resultam cem por cento céticos.

A fé é percepção direta do real; sabedoria fundamental; vivência disso que está muito além do corpo, dos afetos e da mente.

Distinga-se entre fé e crença. As crenças encontram-se depositadas na Mente Intermediária, a fé é característica da Mente Interior.

Desafortunadamente existe sempre a tendência geral de confundir a crença com a fé. Ainda que pareça paradoxo enfatizaremos o seguinte: “AQUELE QUE TEM FÉ VERDADEIRA NÃO NECESSITA CRER”.

É que a fé autêntica é sapiência vivida, cognição exata, experiência direta.

Sucedo que durante muitos séculos confundiu-se a fé com a crença e agora custa muito trabalho fazer compreender às pessoas que a fé é sabedoria verdadeira e nunca vãs crenças.

As funcionalidades sapientes da mente interior têm como molas íntimas todos esses dados formidáveis da sabedoria contida na consciência.

Quem abriu a Mente Interior recorda suas vidas anteriores, conhece os mistérios da vida e da morte, não pelo que tenha lido ou deixado de ler, não pelo que outro tenha dito ou deixado de dizer, não pelo que tenha crido ou deixado de crer, senão por experiência direta, vívida, terrivelmente real.

Isto que estamos dizendo não gosta a mente sensual, não pode aceitá-lo porque sai de seus domínios, nada tem a ver com as percepções sensoriais externas, é algo alheio a seus conceitos de conteúdo, ao que lhe ensinaram na escola, ao que aprendeu em distintos livros, etc., etc., etc.

Isto que estamos dizendo tampouco é aceito pela Mente Intermediária, porque de fato contraria suas crenças, desvirtua o que seus preceitos religiosos lhe fizeram aprender de memória, etc.

Jesus, o Grande Kabir, adverte seus discípulos dizendo-lhes: “Cuidai-vos da levedura dos saduceus e da levedura dos fariseus”.

É ostensível que Jesus, O Cristo, com esta advertência referiu-se às doutrinas dos materialistas saduceus e dos hipócritas fariseus.

A doutrina dos saduceus está na Mente Sensual, é a doutrina dos cinco sentidos.

A doutrina dos fariseus está localizada na Mente Intermediária, isto é irrefutável, irrefutável.

É evidente que os fariseus concorrem a seus ritos para que se diga deles que são boas pessoas, para aparentar ante os demais, mas nunca trabalham sobre si mesmos.

Não seria possível abrir a Mente Interior sem que aprendêssemos a pensar psicologicamente.

Inquestionavelmente quando alguém começa a observar a si mesmo é sinal de que começou a pensar psicologicamente.

Enquanto a pessoa não admita a realidade de sua própria Psicologia e a possibilidade de mudá-la fundamentalmente, indubitavelmente não sente a necessidade da auto-observação psicológica.

Quando alguém aceita a doutrina dos muitos e compreende a necessidade de eliminar os distintos eus que carrega em sua psique com o propósito de liberar a consciência, a essência, indubitavelmente, de fato e por direito próprio, inicia a auto-observação psicológica.

Obviamente a eliminação dos elementos indesejáveis que em nossa psique carregamos origina a abertura da Mente Interior.

Isto tudo significa que a citada abertura é algo que se realiza de forma gradativa, à medida que vamos aniquilando elementos indesejáveis que levamos em nossa psique.

Quem tiver eliminado os elementos indesejáveis em seu interior em cem por cento, obviamente também terá aberto sua mente interior em cem por cento.

Uma pessoa assim possuirá a fé absoluta. Agora compreendereis as palavras do Cristo quando disse: “Se tivésseis fé como um grão de mostarda moveríeis montanhas”.

CAPÍTULO XIII

MEMÓRIA-TRABALHO

Inquestionavelmente cada pessoa tem sua própria Psicologia particular, isto é irrebatível, incontrovertível, irrefutável.

Desafortunadamente as pessoas nunca pensam nisto e muitos nem o aceitam devido a que encontram-se aprisionados na mente sensorial.

Qualquer um admite a realidade do corpo físico porque o pode ver e apalpar, mas a psicologia é questão distinta, não é perceptível para os cinco sentidos e por isso a tendência geral é rechaçá-la ou simplesmente subestimá-la e depreciá-la, qualificando-a de algo sem importância.

Indubitavelmente quando alguém começa a se auto-observar é sinal inequívoco de que aceitou a tremenda realidade de sua própria Psicologia.

É claro que ninguém tentaria se auto-observar se não encontrasse antes um motivo fundamental.

Obviamente quem inicia a auto-observação se converte em um sujeito muito diferente dos demais, de fato indica a possibilidade de uma mudança.

Desafortunadamente a pessoa não quer mudar, contenta-se com o estado em que vive.

Causa dor ver como as pessoas nascem, crescem, se reproduzem como bestas, sofrem o indizível e morrem sem saber por quê.

Mudar é algo fundamental, mas isso é impossível se não se inicia a auto-observação psicológica.

É necessário começar a ver-se a si mesmo com o propósito de autoconhecer-nos, pois na verdade o humanoide racional não conhece a si mesmo.

Quando alguém descobre um defeito psicológico, de fato deu um grande passo porque isto lhe permitirá estudá-lo e até eliminá-lo radicalmente.

Em verdade nossos defeitos psicológicos são inumeráveis, ainda que tivéssemos mil línguas para falar e palato de aço, não alcançaríamos enumerar a todos cabalmente.

O grave de tudo isto é que não sabemos medir o espantoso realismo de qualquer defeito; sempre lhe olhamos de forma vã sem pôr a devida atenção; o vemos como algo sem importância.

Quando aceitamos a doutrina dos muitos e entendemos o cru realismo dos sete demônios que Jesus o Cristo, tirou do corpo de Maria Madalena,

ostensivelmente nosso modo de pensar a respeito dos defeitos psicológicos sofre uma mudança fundamental.

Não está demais afirmar de forma enfática que a doutrina dos muitos é de origem Tibetana e Gnóstica em cem por cento.

Na verdade, não é nada agradável saber que dentro de nossa pessoa vivem centenas e milhares de pessoas psicológicas.

Cada defeito psicológico é uma pessoa diferente existindo dentro de nós mesmos aqui e agora.

Os sete demônios que o Grande Mestre Jesus o Cristo arrancou do corpo de Maria Madalena são os sete pecados capitais: Ira, Cobiça, Luxúria, Inveja, Orgulho, Preguiça e Gula.

Naturalmente cada um destes demônios em separado é cabeça de legião.

No velho Egito dos Faraós, o Iniciado devia eliminar de sua natureza interior os demônios vermelhos de SETH, se é que queria lograr o despertar da consciência.

Visto o realismo dos defeitos psicológicos, o aspirante deseja mudar, não quer continuar no estado em que vive com tanta gente metida dentro de sua psique, e então inicia a auto-observação.

À medida que nós progredimos no trabalho interior, podemos verificar por nós mesmos um ordenamento muito interessante no sistema de eliminação.

Alguém se assombra quando descobre ordem no trabalho relacionado com a eliminação dos múltiplos agregados psíquicos que personificam a nossos erros.

O interessante de tudo isto é que tal ordem na eliminação de defeitos realiza-se de forma gradativa e processa-se de acordo com a Dialética da Consciência.

Nunca, jamais, poderia a dialética raciocinativa superar o formidável labor da dialética da consciência.

Os fatos nos vão demonstrando que o ordenamento psicológico no trabalho de eliminação de defeitos é estabelecido por nosso próprio ser interior profundo.

Devemos aclarar que existe uma diferença radical entre o Ego e o Ser. O Eu jamais poderia estabelecer ordem em questões psicológicas, pois em si mesmo é o resultado da desordem.

Só o Ser tem poder para estabelecer a ordem em nossa psique. O Ser é o Ser. A razão de ser do Ser é o mesmo Ser.

O ordenamento no trabalho de auto-observação, julgamento e eliminação de nossos agregados psíquicos, vai sendo evidenciado pelo sentido judicioso da auto-observação psicológica.

Em todos os seres humanos encontra-se o sentido da auto-observação psicológica em estado latente, mas se desenvolve de forma gradativa à medida que vamos usando-o.

Tal sentido nos permite perceber diretamente, e não mediante simples associações intelectuais, os diversos eus que vivem dentro de nossa psique.

Esta questão das extrapercepções sensoriais começa a ser estudada no terreno da Parapsicologia e de fato foi demonstrada em múltiplos experimentos que foram realizados judiciosamente através do tempo e sobre os quais existe muita documentação.

Aqueles que negam a realidade das extrapercepções sensoriais são ignorantes em cem por cento, patifes do intelecto engarrafados na mente sensual.

Sem embargo, o sentido da auto-observação psicológica é algo mais profundo, vai muito mais além dos simples enunciados parapsicológicos, nos permite a auto-observação íntima e a plena verificação do tremendo realismo subjetivo de nossos diversos agregados.

O ordenamento sucessivo das diversas partes do trabalho relacionadas com o tema, este tão grave da eliminação de agregados psíquicos, nos permite inferir uma “memória-trabalho” muito interessante e até muito útil na questão do desenvolvimento interior.

Esta memória-trabalho é certo que pode nos dar distintas fotografias psicológicas das diversas etapas da vida passada, juntadas em sua totalidade trariam à nossa imaginação uma estampa viva e até repugnante do que fomos antes de iniciar o trabalho psicotransformista radical.

Não há dúvida de que jamais desejaríamos regressar a essa horrorosa figura, viva representação do que fomos.

Deste ponto, tal fotografia psicológica resultaria útil como meio de confrontação entre um presente transformado e um passado regressivo, rançoso, torpe e desgraçado.

A memória-trabalho escreve-se sempre à base de sucessivos eventos psicológicos registrados pelo centro de auto-observação psicológica.

Existem em nossa psique elementos indesejáveis que nem remotamente suspeitamos.

Que um homem honrado, incapaz de tomar jamais nada alheio, honrável e digno de toda honra, descubra de forma insólita uma série de eus ladrões habitando nas zonas mais profundas de sua própria psique, é algo espantoso, mas não impossível.

Que uma magnífica esposa cheia de grandes virtudes ou uma donzela de requintada espiritualidade e educação magnífica, mediante o sentido da auto-observação psicológica descubra de forma inusitada que em sua psique íntima vive um grupo de eus prostitutas, resulta nauseabundo e até inaceitável para o centro intelectual ou o sentido moral de qualquer cidadão judicioso, mas tudo isso é possível dentro do terreno exato da auto-observação psicológica.

CAPÍTULO XIV

COMPREENSÃO CRIADORA

O Ser e o Saber devem equilibrar-se mutuamente a fim de estabelecer em nossa psique a labareda da compreensão.

Quando o saber é maior que o ser, origina confusão intelectual de toda espécie. Se o ser é maior que o saber, pode dar casos tão graves como o do santo estúpido.

No terreno da vida prática convém auto-observar-nos com o propósito de autodescobrir-nos.

É precisamente a vida prática o ginásio psicológico mediante o qual podemos descobrir nossos defeitos.

Em estado de alerta percepção, alerta novidade, poderemos verificar diretamente que os defeitos escondidos afloram espontaneamente.

É claro que defeito descoberto deve ser trabalhado conscientemente com o propósito de separá-lo de nossa psique.

Ante tudo não devemos nos identificar com nenhum eu-defeito, se é que na verdade desejamos eliminá-lo.

Se parado sobre uma tábua desejamos levantar esta para colocá-la apoiada a uma parede, não seria possível isto se continuássemos parados sobre ela.

Obviamente devemos começar por separar a tábua de nós mesmos, retirando-nos da mesma e logo com nossas mãos levantar a tábua e colocá-la recostada ao muro.

Similarmente não devemos identificar-nos com nenhum agregado psíquico se é que em verdade desejamos separá-lo de nossa psique.

Quando alguém se identifica com tal ou qual eu, de fato o fortalece em vez de desintegrá-lo.

Suponhamos que um eu qualquer de luxúria se apropria dos rolos que temos no centro intelectual para projetar na tela da mente cenas de lascívia e morbosidade sexual, se nos identificamos com tais quadros passionais indubitavelmente aquele eu luxurioso se fortalecerá tremendamente.

Mas se nós, em vez de nos identificar com essa entidade, a separamos de nossa psique considerando-a como um demônio intruso, obviamente terá surgido em nossa intimidade a compreensão criadora.

Posteriormente poderíamos nos dar ao luxo de julgar analiticamente tal agregado com o propósito de fazer- nos plenamente conscientes do mesmo.

O grave das pessoas consiste precisamente na identificação e isto é lamentável.

Se as pessoas conhecessem a doutrina dos muitos, se de verdade entendessem que nem sua própria vida lhes pertence, então não cometeriam o erro da identificação.

Cenas de ira, quadros de ciúmes, etc., no terreno da vida prática resultam úteis quando nos encontramos em constante auto-observação psicológica.

Então comprovamos que nem nossos pensamentos, nem nossos desejos, nem nossas ações nos pertencem.

Inquestionavelmente múltiplos eus intervêm como intrusos de mau agouro para pôr em nossa mente pensamentos e em nosso coração emoções e em nosso centro motor ações de qualquer classe.

É lamentável que não sejamos donos de nós mesmos, que diversas entidades psicológicas façam de nós o que lhes dê vontade.

Desafortunadamente nem remotamente suspeitamos o que nos sucede e atuamos como simples marionetes controladas por fios invisíveis.

O pior de tudo isto é que, em vez de lutar para nos tornarmos independentes de todos estes tiranos secretos, cometemos o erro de torná-los vigorosos e isto acontece quando nos identificamos.

Qualquer cena de rua, qualquer drama familiar, qualquer briga tonta entre cônjuges, deve-se indubitavelmente a tal ou qual eu, e isto é algo que jamais devemos ignorar.

A vida prática é o espelho psicológico onde podemos ver a nós mesmos, tal qual somos.

Mas ante tudo devemos compreender a necessidade de ver a nós mesmos, a necessidade de mudar radicalmente, só assim teremos gana de nos observar realmente.

Quem se contenta com o estado em que vive, o néscio, o retardatário, o negligente, não sentirá nunca o desejo de ver a si mesmo, se quererá demasiado e de modo algum estará disposto a revisar sua conduta e seu modo de ser.

De forma clara diremos que em algumas comédias, dramas e tragédias da vida prática intervêm vários eus que é necessário compreender.

Em qualquer cena de ciúmes passionais entram em jogo eus de luxúria, ira, amor próprio, ciúmes, etc., etc., etc., que posteriormente deverão ser julgados analiticamente, cada um em separado a fim de compreender-lhes integralmente com o evidente propósito de desintegrá-los totalmente.

A compreensão resulta muito elástica, por isso necessitamos investigar cada vez mais profundamente; o que hoje compreendemos de um modo, amanhã o compreenderemos melhor.

Vistas as coisas deste ângulo, podemos verificar por nós mesmos quão úteis são as diversas circunstâncias da vida quando na verdade as utilizamos como espelho para o autodescobrimento.

De modo algum trataríamos jamais de afirmar que os dramas, comédias e tragédias da vida prática são sempre formosos e perfeitos, tal afirmação seria descabelada.

Sem embargo, por mais absurdas que sejam as diversas situações da existência, resultam maravilhosas como ginásio psicológico.

O trabalho relacionado com a dissolução dos diversos elementos que constituem o mim mesmo, resulta espantosamente difícil.

Entre as cadências do verso também se esconde o delito. Entre o perfume delicioso dos templos, se esconde o delito.

O delito às vezes torna-se tão refinado que se confunde com a santidade, e tão cruel que se chega a parecer com a doçura.

O delito se veste com a toga de juiz, com a túnica do Mestre, com a roupagem do mendigo, com o traje do senhor e até com a túnica do Cristo.

Compreensão é fundamental, mas no trabalho de dissolução dos agregados psíquicos, não é tudo, como veremos no capítulo seguinte.

Resulta urgente, inadiável, fazer-nos conscientes de cada Eu para separá-lo de nossa Psique, mas isso não é tudo, falta algo mais, veja o capítulo dezesseis.

CAPÍTULO XV

A KUNDALINI

Chegamos a um ponto muito espinhoso, quero me referir a esta questão da Kundalini, a serpente Ígnea de nossos mágicos poderes, citada em muitos textos da sabedoria oriental.

Indubitavelmente a Kundalini tem muita documentação e é algo que bem vale muito a pena investigar.

Nos textos de Alquimia Medieval, a Kundalini é a assinatura astral do esperma sagrado, STELLA MARIS, a VIRGEM DO MAR, quem guia sabiamente os trabalhadores da Grande Obra.

Entre os astecas ela é TONANTZIN, entre os gregos a CASTA DIANA, e no Egito é ÍSIS, a MÃE DIVINA a quem nenhum mortal levantou o véu.

Não há dúvida alguma de que o Cristianismo Esotérico jamais deixou de adorar à Divina Mãe Kundalini; obviamente é MARAH, ou melhor dizemos RAM-IO, MARIA.

O que não especificaram as religiões ortodoxas, pelo menos no que corresponde ao círculo exotérico ou público, é o aspecto de ÍSIS em sua forma individual humana.

Ostensivelmente, só em segredo ensinou-se aos iniciados que essa Divina Mãe existe individualmente dentro de cada ser humano.

Não está demais esclarecer de forma enfática que Deus-Mãe, REIA, CIBELES, ADÔNIA ou como queiramos chamar-lhe, é uma variante de nosso próprio Ser individual aqui e agora.

Especificando diremos que cada um de nós tem sua própria Mãe Divina particular, individual. Há tantas Mães no céu quanto criaturas existentes sobre a face da terra.

A Kundalini é a energia misteriosa que faz existir o mundo, um aspecto de BRAHMA.

Em seu aspecto psicológico manifesto na anatomia oculta do ser humano, a KUNDALINI encontra-se enroscada três vezes e meia dentro de certo centro magnético localizado no osso coccígeo.

Ali descansa entorpecida como qualquer serpente, a Divina Princesa.

No centro daquele Chakra ou estância existe um triângulo fêmea ou YONI, onde está estabelecido um LINGAM macho.

Neste LINGAM atômico ou mágico que representa o poder criador sexual de BRAHMA, enrosca-se a sublime serpente KUNDALINI.

A rainha ígnea em sua figura de serpente, desperta com o secretum secretorum de certo artifício alquimista que foi ensinado claramente em minha obra intitulada: «O Mistério do Áureo Florescer».

Inquestionavelmente, quando esta divina força desperta, ascende vitoriosa pelo canal medular espinhal para desenvolver em nós os poderes que divinizam.

Em seu aspecto transcendental divinal sublime, a serpente sagrada, transcendendo ao meramente fisiológico, anatômico, em seu estado étnico, é, como já disse, nosso próprio Ser, mas derivado.

Não é meu propósito ensinar neste tratado a técnica para o despertar da serpente sagrada.

Só quero pôr certa ênfase ao cru realismo do Ego e à urgência interior relacionada com a dissolução de seus diversos elementos inumanos.

A mente por si mesma não pode alterar radicalmente nenhum defeito psicológico.

A mente pode rotular qualquer defeito, passá-lo de um nível a outro, escondê-lo de si mesma ou dos demais, desculpá-lo, mas nunca o eliminar absolutamente.

Compreensão é uma parte fundamental, mas não é tudo, necessita-se eliminar.

Defeito observado deve ser analisado e compreendido de forma íntegra antes de proceder a sua eliminação.

Necessitamos de um poder superior à mente, de um poder capaz de desintegrar atomicamente qualquer eu- defeito que previamente tenhamos descoberto e julgado profundamente.

Afortunadamente tal poder subjaz escondido mais além do corpo, dos afetos e da mente, ainda que tenha seus expoentes concretos no osso do centro coccígeo, como já o explicamos em parágrafos anteriores do presente capítulo.

Depois de ter compreendido integralmente qualquer eu-defeito, devemos submergir em meditação profunda, suplicando, orando, pedindo à nossa Divina Mãe particular individual que desintegre o eu-defeito previamente compreendido.

Esta é a técnica precisa que é requerida para a eliminação dos elementos indesejáveis que em nosso interior carregamos.

A Divina Mãe Kundalini tem poder para reduzir a cinzas qualquer agregado psíquico subjetivo, inumano.

Sem essa didática, sem este procedimento, todo esforço para a dissolução do Ego resulta infrutífero, inútil, absurdo.

CAPÍTULO XVI

NORMAS INTELECTUAIS

No terreno da vida prática cada pessoa tem seu critério, sua forma mais ou menos rançosa de pensar, e nunca se abre ao novo; isto é irrefutável, irrefutável, incontrovertível.

A mente do humanoide intelectual está degenerada, deteriorada, em franco estado de involução.

Realmente o entendimento da humanidade atual é similar a uma velha estrutura mecânica inerte e absurda, incapaz por si mesma de qualquer fenômeno de elasticidade autêntica.

Falta ductilidade na mente, encontra-se enfrascada em múltiplas normas rígidas e extemporâneas.

Cada qual tem seu critério e determinadas normas rígidas dentro das quais age e reage incessantemente.

O mais grave de toda esta questão é que os milhares de critérios equivalem a milhares de normas putrefatas e absurdas.

Em todo caso, as pessoas nunca se sentem equivocadas; cada cabeça é um mundo e não há dúvida que entre tantos recantos mentais, existem muitos sofismas de distração e estupidez insuportáveis.

Mas o critério estreito das multidões nem remotamente suspeita o engarrafamento intelectual em que se encontra.

Estas pessoas modernas com cérebro de barata pensam de si mesmas o melhor, presumem-se liberais, supergênios, creem que têm critério muito amplo.

Os ignorantes ilustrados resultam ser os mais difíceis, pois em realidade, falando desta vez em sentido socrático diremos: “não somente não sabem, senão que, além disso, ignoram que não sabem”.

Os patifes do intelecto aferrados a essas normas antiquadas do passado processam-se violentamente em virtude de seu próprio engarrafamento e se negam de forma enfática a aceitar algo que de modo algum pode encaixar dentro de suas normas de aço.

Pensam os sabichões ilustrados que tudo aquilo que, por uma ou outra causa, saia do caminho rígido de seus procedimentos oxidados é absurdo em cem por cento. Assim, deste modo, essas pobres pessoas de critério tão difícil, se auto-enganam miseravelmente.

Presumem-se geniais os pseudossapietes desta época, veem com desdém quem têm o valor de apartar-se de suas normas carcomidas pelo tempo, o pior de tudo é que nem remotamente suspeitam da crua realidade de sua própria torpeza.

A mesquinhez intelectual das mentes rançosas é tal que até se dá ao luxo de exigir demonstrações sobre isso que é o real, sobre isso que não é da mente.

Não querem entender as pessoas de entendimento raquítico e intolerante que a experiência do real só advém na ausência do ego.

Inquestionavelmente de modo algum seria possível reconhecer diretamente os mistérios da vida e da morte enquanto não se tenha aberto dentro de nós mesmos a mente interior.

Não está demais repetir neste capítulo que só a consciência superlativa do Ser pode conhecer a verdade. A mente interior só pode funcionar com os dados que aporta a consciência Cósmica do SER.

O intelecto subjetivo, com sua dialética raciocinativa, nada pode saber sobre isso que escapa à sua jurisdição.

Já sabemos que os conceitos de conteúdo da dialética raciocinativa se elaboram com os dados aportados pelos sentidos de percepção externa.

Aqueles que se encontram engarrafados dentro de seus procedimentos intelectuais e normas fixas, apresentam sempre resistência a estas ideias revolucionárias.

Só dissolvendo o EGO de forma radical e definitiva é possível despertar a consciência e abrir realmente a mente interior.

Sem embargo, como estas declarações revolucionárias não cabem dentro da lógica formal, nem tampouco dentro da lógica dialética, a reação subjetiva das mentes involutivas opõe resistência violenta.

Querem essas pobres pessoas do intelecto meter o oceano dentro de um vaso de cristal, supõem que a universidade pode controlar toda a sabedoria do universo e que todas as leis do Cosmos estão obrigadas a submeter-se às suas velhas normas acadêmicas.

Nem remotamente suspeitam esses ignorantes, modelos de sabedoria, o estado degenerativo em que se encontram.

Às vezes ressaltam tais pessoas por um momento quando vêm ao mundo Esoterista, mas logo se apagam como fogos fátuos, desaparecem do

panorama das inquietudes espirituais, são tragados pelo intelecto e desaparecem de cena para sempre.

A superficialidade do intelecto nunca pode penetrar no fundo legítimo do SER, embora os processos subjetivos do racionalismo possam levar os néscios a qualquer classe de conclusões muito brilhantes, mas absurdas.

O poder formulativo de conceitos lógicos de modo algum implica a experiência do real.

O jogo convincente da dialética raciocrinativa, autofascina o raciocinador fazendo-lhe confundir sempre gato por lebre.

A brilhante procissão de ideias ofusca o patife do intelecto e lhe dá certa autossuficiência tão absurda como para rechaçar a tudo isso que não cheira a pó de bibliotecas e tinta de universidade.

O "delirium tremens" dos bêbados alcoólicos tem sintomas inconfundíveis, mas o dos ébrios das teorias se confunde facilmente com a genialidade.

Ao chegar a esta parte de nosso capítulo, diremos que certamente é muito difícil saber onde termina o intelectualismo dos patifes e onde começa a loucura.

Enquanto continuemos engarrafados dentro das normas podres e rançosas do intelecto, será algo mais que impossível a experiência disso que não é da mente, disso que não é do tempo, disso que é o real.

CAPÍTULO XVII

A FACA DA CONSCIÊNCIA

Alguns psicólogos simbolizam a consciência como uma faca muito capaz de nos separar do que está ligado a nós e nos extrai a força.

Creem tais psicólogos que a única maneira de escapar do poder de tal ou qual EU é observá-lo cada vez com mais clareza com o propósito de compreendê-lo para nos tornar conscientes do mesmo.

Essas pessoas pensam que assim alguém se separa eventualmente deste ou daquele Eu, ainda que seja pela grossura do fio de uma faca.

Desta maneira, dizem, o Eu separado pela consciência, parece com uma planta cortada.

Tornar-se consciente de qualquer Eu, segundo eles, significa separá-lo de nossa Psique e condená-lo à morte. Inquestionavelmente tal conceito, aparentemente muito convincente, falha na prática.

O Eu que mediante a faca da consciência foi cortado de nossa personalidade, afastado de casa como uma ovelha negra, continua no espaço psicológico, converte-se em demônio tentador, insiste em regressar à casa, não se resigna tão facilmente, de nenhuma maneira quer comer o pão amargo do desterro, busca uma oportunidade e ao menor descuido da guarda acomoda-se novamente dentro de nossa psique.

O mais grave é que dentro do Eu desterrado encontra-se sempre engarrafada certa porcentagem de essência, de consciência.

Todos esses psicólogos que pensam assim, jamais conseguiram dissolver nenhum de seus Eus, em realidade fracassaram.

Por muito que se intente evadir essa questão do KUNDALINI, o problema é muito grave. Em verdade o “Filho Ingrato” não progride jamais no trabalho esotérico sobre si mesmo.

Obviamente “Filho Ingrato” é todo aquele que despreza a “ÍSIS”, nossa Divina Mãe Cósmica, particular, individual.

ÍSIS é uma das partes autônomas de nosso próprio Ser, mas derivado, a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes, o KUNDALINI.

Ostensivelmente só “ÍSIS” tem poder absoluto para desintegrar qualquer Eu; isto é irrefutável, irrefutável, incontrovertível.

KUNDALINI é uma palavra composta: “KUNDA vem para nos recordar ao Abominável órgão KUNDARTIGUADOR”, “LINI é um termo Atlante que significa Fim”.

"KUNDALINI" quer dizer: "Fim do abominável órgão KUNDARTIGUADOR". É, pois, urgente não confundir a "KUNDALINI" com o "KUNDARTIGUADOR".

Já dissemos em um capítulo anterior que a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes encontra-se enroscada três vezes e meia dentro de certo Centro Magnético localizado no osso Coccígeo, base da espinha dorsal.

Quando a Serpente sobe, é o KUNDALINI, quando desce, é o abominável órgão KUNDARTIGUADOR.

Mediante o "TANTRISMO BRANCO" a serpente ascende vitoriosa pelo canal medular espinal, despertando os poderes que divinizam.

Mediante o "TANTRISMO NEGRO" a serpente precipita-se desde o cóccix até os infernos atômicos do homem. Assim é como muitos convertem-se em Demônios terrivelmente perversos.

Aqueles que cometem o erro de atribuir à serpente ascendente todas as características escuras e tenebrosas da serpente descendente fracassam definitivamente no trabalho sobre si mesmos.

As más consequências do "ABOMINÁVEL ÓRGÃO KUNDARTIGUADOR", só podem ser aniquiladas com o "KUNDALINI".

Não está demais esclarecer que tais más consequências estão cristalizadas no EU PLURALIZADO da Psicologia revolucionária.

O poder Hipnótico da Serpente descendente tem a humanidade submersa na inconsciência.

Só a Serpente ascendente, por oposição, pode nos despertar; esta verdade é um axioma da Sabedoria Hermética. Agora compreenderemos melhor o profundo significado da palavra sagrada "KUNDALINI".

A Vontade consciente está sempre representada pela mulher sagrada, Maria, ÍSIS, que esmaga a cabeça da Serpente descendente.

Declaro aqui francamente e sem rodeios que a dupla corrente de luz, o fogo vivo e astral da terra, foi figurado pela serpente com cabeça de touro, de bode ou de cão nos Antigos Mistérios.

É a dupla Serpente do Caduceu de Mercúrio; é a Serpente tentadora do Éden; mas é também sem a menor dúvida, a Serpente de Cobre de Moisés entrelaçada no "TAU", quer dizer, no "LINGAM Gerador".

É o "Bode" do Sabbat e o Baphometo dos Templários Gnósticos; o HYLE do Gnosticismo Universal; a dupla cauda da serpente que forma as patas do Galo Solar do ABRAXAS.

No "LINGAM NEGRO" embutido no "YONI" metálico, símbolos do Deus SHIVA, a Divindade Hindu, está a chave secreta para despertar e desenvolver a Serpente ascendente ou KUNDALINI, com a condição de não derramar jamais na vida o "Vaso de Hermes Trimegisto", o Três vezes grande Deus "IBIS DE THOTH".

Falamos entre linhas para aqueles que saibam entender. Quem tiver entendimento que entenda porque aqui há sabedoria.

Os TÂNTRICOS negros são diferentes, eles despertam e desenvolvem o Abominável órgão KUNDARTIGUADOR, a Serpente tentadora do Éden, quando cometem em seus ritos o crime imperdoável de derramar o "Vinho Sagrado".

CAPÍTULO XVIII

O PAÍS PSICOLÓGICO

Inquestionavelmente, assim como existe o País Exterior no qual vivemos, assim também em nossa intimidade existe o país psicológico.

As pessoas não ignoram jamais a cidade ou a comarca onde vivem, desafortunadamente sucede que desconhecem o lugar psicológico onde encontram-se localizadas.

Em um dado instante, qualquer um sabe em que bairro ou colônia se encontra, mas no terreno psicológico não sucede o mesmo, normalmente as pessoas nem remotamente suspeitam em um dado momento o lugar de seu país psicológico onde se meteram.

Assim como no mundo físico existem colônias de pessoas decentes e cultas, assim também sucede na comarca psicológica de cada um de nós; não há dúvida de que existem colônias muito elegantes e formosas.

Assim como no mundo físico há colônias ou bairros com ruas perigosíssimas, cheias de assaltantes, assim também sucede o mesmo na comarca psicológica de nosso interior.

Tudo depende da classe de pessoas que nos acompanha; se temos amigos bêbados iremos parar em uma cantina, e se estes últimos são libertinos, indubitavelmente nosso destino estará nos prostíbulos.

Dentro de nosso país psicológico cada um tem seus acompanhantes, seus EUS, estes o levarão aonde devem levá-lo de acordo com suas características psicológicas.

Uma dama virtuosa e honrada, magnífica esposa, de conduta exemplar, vivendo em uma formosa mansão no mundo físico, devido a seus EUS luxuosos poderia estar localizada em antros de prostituição dentro de seu país psicológico.

Um cavalheiro honrado, de honradez inatacável, magnífico cidadão, poderia dentro de sua comarca psicológica encontrar-se em uma cova de ladrões, devido a seus péssimos acompanhantes, EUS do roubo, muito submersos dentro do inconsciente.

Um anacoreta e penitente, possivelmente um monge vivendo assim austero dentro de sua cela, em algum monastério, poderia psicologicamente encontrar-se localizado em uma colônia de assassinos, pistoleiros, atracadores, drogados, devido precisamente a EUS infraconscientes ou inconscientes, submersos profundamente dentro dos recantos mais difíceis de sua psique.

Por algum motivo nos é dito que há muita virtude nos malvados e que há muita maldade nos virtuosos.

Muitos santos canonizados ainda vivem, todavia, dentro dos antros psicológicos do roubo ou em casas de prostituição.

Isto que estamos afirmando de forma enfática poderia scandalizar os moralistas, os pietistas, os ignorantes ilustrados, aos modelos de sabedoria, mas jamais os verdadeiros psicológicos.

Ainda que pareça incrível, entre o incenso da oração também se esconde o delito, entre as cadências do verso também se esconde o delito, sob a cúpula sagrada dos santuários mais divinos o delito se reveste com a túnica da santidade e a palavra sublime.

Dentro dos fundos profundos dos santos mais veneráveis, vivem os EUS do prostíbulo, do roubo, do homicídio, etc.

Acompanhantes infra-humanos escondidos dentro das insondáveis profundidades do inconsciente.

Muito sofreram por tal motivo os diversos santos da história; recordemos as tentações de Santo Antônio, todas aquelas abominações contra as quais teve que lutar nosso irmão Francisco de Assis.

Sem embargo, nem tudo disseram esses santos, e a maior parte dos anacoretas calaram.

Alguém se assombra ao pensar que alguns anacoretas penitentes e santíssimos vivam nas colônias psicológicas da prostituição e do roubo.

Embora sejam santos, e se, todavia, não descobriam essas coisas espantosas de sua psique, quando as descobrirem usarão cilícios sobre sua carne, jejuarão, possivelmente se açoitarão, e rogarão à sua divina mãe KUNDALINI que elimine de suas psiques esses maus acompanhantes que nesses antros tenebrosos de seus próprios países psicológicos os têm metidos.

Muito foi dito pelas distintas religiões sobre a vida depois da morte e o mais além.

Que não se enrolem mais os cérebros das pobres pessoas sobre o que há além do outro lado, mais além do sepulcro.

Inquestionavelmente, depois da morte cada um continua vivendo na colônia psicológica de sempre.

O ladrão, nos antros dos ladrões continuará; o luxurioso, nos bordéis prosseguirá como fantasma de mau agouro; o iracundo, o furioso seguirá

vivendo nas ruas perigosas do vício e da ira, ali também onde brilha o punhal e soam os tiros das pistolas.

A essência em si mesma é muito formosa, veio de cima, das estrelas e desgraçadamente está metida dentro de todos estes eus que levamos dentro de nós.

Por oposição, a essência pode desandar o caminho, retornar ao ponto de partida original, voltar às estrelas, mas deve libertar-se primeiro de seus maus acompanhantes que a têm metida nos subúrbios da perdição.

Quando Francisco de Assis e Antônio de Pádua, insignes mestres Cristificados, descobriram dentro de seu interior os eus da perdição, sofreram o indizível e não há dúvida de que à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários lograram reduzir à poeira cósmica todo esse conjunto de elementos inumanos que em seu interior viviam. Inquestionavelmente esses Santos se Cristificaram e regressaram ao ponto de partida original depois de terem sofrido muito.

Ante tudo é necessário, é urgente, inadiável, que o centro magnético que de forma anormal temos estabelecido em nossa falsa personalidade, seja transferido à Essência, assim poderá iniciar o homem completo sua viagem desde a personalidade até as estrelas, ascendendo de forma didática progressiva, de grau em grau pela montanha do SER.

Enquanto continue o centro magnético estabelecido em nossa personalidade ilusória viveremos nos antros psicológicos mais abomináveis, ainda que na vida prática sejamos magníficos cidadãos.

Cada qual tem um centro magnético que o caracteriza; o comerciante tem o centro magnético do comércio e por isso se desenvolve nos mercados e atrai o que lhe é afim, compradores e mercadores.

O homem de ciência tem em sua personalidade o centro magnético da ciência e por isso atrai para si todas as coisas da ciência, livros, laboratórios, etc.

O Esoterista tem em si mesmo o centro magnético do esoterismo e na medida que este tipo de centro torna-se diferente às questões da personalidade, inquestionavelmente acontece por tal motivo a transferência.

Quando o centro magnético estabelece-se na consciência, quer dizer, na essência, então inicia-se o regresso do homem total às estrelas.

CAPÍTULO XIX

AS DROGAS

O desdobramento psicológico do homem nos permite evidenciar o cru realismo de um nível superior em cada um de nós.

Quando alguém puder verificar por si mesmo de forma direta o fato concreto de dois homens em um mesmo, o inferior no nível normal comum e corrente, o superior em uma oitava mais elevada, então tudo muda e procuramos neste caso atuar na vida de acordo com os princípios fundamentais que leva no mais profundo de seu SER.

Assim como existe uma vida externa, assim também existe uma vida interna.

O homem exterior não é tudo, o desdobramento psicológico nos ensina a realidade do homem interior.

O homem exterior tem seu modo de ser, é uma coisa com múltiplas atitudes e reações típicas na vida, uma marionete movida por fios invisíveis.

O homem interior é o SER autêntico, processa-se em outras leis muito diferentes, jamais poderia ser convertido em robô.

O homem exterior não dá ponto sem dedal, sente que lhe pagaram mal, se compadece de si mesmo, se autoconsidera demasiado, se é soldado aspira ser general, se é trabalhador de uma fábrica protesta quando não lhe ascendem, quer que seus méritos sejam devidamente reconhecidos, etc.

Ninguém poderia chegar ao nascimento SEGUNDO, renascer como disse o Evangelho do Senhor, enquanto continuar vivendo com a psicologia do homem inferior comum e corrente.

Quando alguém reconhece sua própria nulidade e miséria interior, quando tem o valor de revisar sua vida, indubitavelmente vem a saber por si mesmo que de nenhuma maneira possui méritos de nenhuma espécie.

“Bem-aventurados os pobres de espírito porque eles receberão o reino dos céus”.

Pobre de espírito ou indigentes do espírito, são realmente aqueles que reconhecem sua própria nulidade, desvergonha e miséria interior. Essa classe de seres inquestionavelmente recebem a iluminação.

“Mais fácil passar um camelo pelo buraco de uma agulha, que um rico entrar no reino dos céus”.

É ostensível que a mente enriquecida por tantos méritos, condecorações e medalhas, distinguidas virtudes sociais e complicadas teorias acadêmicas, não é pobre de espírito e, portanto, nunca poderia entrar no reino dos céus.

Para entrar no Reino faz-se impostergável o tesouro da fé. Enquanto não se produziu em cada um de nós o desdobramento psicológico, a FÉ resulta algo mais que impossível.

A FÉ é o conhecimento puro, a sabedoria experimental direta.

A FÉ foi sempre confundida com as vãs crenças, os Gnósticos não devemos cair jamais em tão grave erro. A FÉ é experiência direta do real; vivência magnífica do homem interior; cognição divina autêntica.

O homem interior, ao conhecer por experiência mística direta seus próprios mundos internos, é ostensível que conhece também os mundos internos de todas as pessoas que povoam a face da terra.

Ninguém poderia conhecer os mundos internos do planeta Terra, do sistema solar e da galáxia em que vivemos, se antes não tiver conhecido seus próprios mundos internos. Isto é similar ao suicida que escapa da vida pela porta falsa.

As extrapercepções do drogado têm sua raiz particular no abominável órgão KUNDARTIGUADOR (a serpente tentadora do Éden).

A consciência engarrafada entre os múltiplos elementos que constituem o Ego processa-se em virtude de seu próprio engarrafamento.

A consciência egoica advém, pois, em estado comatoso, com alucinações hipnóticas muito similares às de qualquer sujeito que se encontre sob a influência de tal ou qual droga.

Podemos ilustrar esta questão da seguinte forma: alucinações da consciência egoica são iguais às alucinações provocadas pelas drogas.

Obviamente estes dois tipos de alucinações têm suas causas originais no abominável órgão KUNDARTIGUADOR. (Veja o capítulo XVII do presente livro).

Indubitavelmente as drogas aniquilam os raios alfa, então inquestionavelmente vem a perder-se a conexão intrínseca entre mente e cérebro; isto de fato resulta fracasso total.

O drogado converte o vício em religião e, desviado, pensa experimentar o real sob a influência das drogas, ignorando que as extrapercepções produzidas pela marijuana, o L.S.D., a morfina, os fungos alucinantes, a cocaína, a heroína, o haxixe, pastilhas tranquilizantes em excesso,

anfetaminas, barbitúricos, etc., etc., etc., são meras alucinações elaboradas pelo abominável órgão KUNDARTIGUADOR.

Os drogados involucionando, degenerando no tempo, se submergem ao fim de forma definitiva dentro dos mundos infernos.

CAPÍTULO XX

INQUIETUDES

Não há dúvida que entre o pensar e o sentir existe uma grande diferença, isto é incontrovertível. Existe uma grande frieza entre as pessoas, é o frio do que não tem importância, do superficial.

Creem as multidões que o mais importante é o que não é importante, supõem que a última moda, ou o carro último modelo, ou esta questão do salário fundamental é a única coisa séria.

Chamam sério a crônica do dia, a aventura amorosa, a vida sedentária, a taça de licor, a corrida de cavalos, a corrida de automóveis, a corrida de touros, a fofoca, a calúnia, etc.

Obviamente, quando o homem do dia ou a mulher do salão de beleza escutam algo sobre esoterismo, como isto não está em seus planos, nem em suas tertúlias, nem em seus prazeres sexuais, respondem com um “não sei quê” de frieza espantosa, ou simplesmente retorcem a boca, levantam os ombros, e se retiram com indiferença.

Essa apatia psicológica, essa frieza que espanta, tem dois embasamentos; primeiro a ignorância mais tremenda, segundo a ausência mais absoluta de inquietudes espirituais.

Falta um contato, um choque elétrico, ninguém o deu na loja, tampouco entre o que se cria sério, nem muito menos nos prazeres da cama.

Se alguém fosse capaz de dar ao frio imbecil ou à superficial mulherzinha o toque elétrico do momento, a chispa do coração, alguma reminiscência estranha, um “não sei quê” demasiado íntimo, talvez então tudo seria diferente.

Mas algo desloca a vozinha secreta, a primeira coraçonada, o anelo íntimo; possivelmente uma tolice, o formoso chapéu de alguma vitrine ou aparador, o doce requintado de um restaurante, o encontro de um amigo que mais tarde não tem para nós nenhuma importância, etc.

Tolices, necessidades que, não sendo transcendentais, sim tem força em um dado instante como para apagar a primeira inquietude espiritual, o íntimo anelo, a insignificante chispa de luz, a coraçonada que sem saber porquê nos inquietou por um momento.

Se esses que hoje são cadáveres vivos, frios notívagos do clube ou simplesmente vendedores de guarda-chuvas no armazém da rua real, não tivessem sufocado a primeira inquietude íntima, seriam neste momento

luminárias do espírito, adeptos da luz, homens autênticos no sentido mais completo da palavra.

A chispa, a coraçonada, um suspiro misterioso, um “não sei quê”, foi sentido alguma vez pelo carnicheiro da esquina, pelo engraxador de calçado ou pelo doutor de primeira magnitude, mas tudo foi em vão, as necessidades da personalidade sempre apagam a primeira chispa da luz; depois prossegue o frio da mais espantosa indiferença.

Inquestionavelmente a lua traga as pessoas cedo ou tarde; esta verdade resulta incontrovertível.

Não há ninguém que na vida não tenha sentido alguma vez uma coraçonada, uma estranha inquietude, desgraçadamente qualquer coisa da personalidade, por mais tonta que esta seja, é suficiente para reduzir à poeira cósmica isso que no silêncio da noite nos comoveu por um momento.

A lua ganha sempre estas batalhas, ela se alimenta, se nutre precisamente com nossas próprias debilidades.

A lua é terrivelmente mecanicista; o humanoide lunar, desprovido por completo de toda inquietude solar, é incoerente e se move no mundo de seus sonhos.

Se alguém fizesse o que ninguém faz, isto é, avivar a íntima inquietude surgida talvez no mistério de alguma noite, não há dúvida de que ao longo do tempo assimilaria a inteligência solar e se converteria por tal motivo em homem solar.

Isso é, precisamente, o que o Sol quer, mas a estas sombras lunares tão frias, apáticas e indiferentes, sempre são tragadas pela Lua; depois vem a igualação da morte.

A morte iguala tudo. Qualquer cadáver vivo desprovido de inquietudes solares, degenera terrivelmente de forma progressiva até que a Lua o devora.

O Sol quer criar homens, está fazendo esse ensaio no laboratório da natureza; desgraçadamente, tal experimento não lhe deu muito bons resultados, a Lua traga as pessoas.

Sem embargo, isto que estamos dizendo não interessa a ninguém, muito menos aos ignorantes ilustrados; eles se sentem a “mamãe dos pintinhos” ou o “papai de Tarzan”.

O Sol depositou dentro das glândulas sexuais do animal intelectual equivocadamente chamado homem certos germes solares que,

convenientemente desenvolvidos, poderiam transformar-nos em homens autênticos.

Embora a experiência solar resulte espantosamente difícil devido precisamente ao frio lunar.

As pessoas não querem cooperar com o Sol e por tal motivo ao longo do tempo os germes solares involucionam, degeneram e se perdem lamentavelmente.

A clavícula mestra da obra do Sol está na dissolução dos elementos indesejáveis que levamos dentro.

Quando uma raça humana perde todo interesse pelas ideias solares, o Sol a destrói porque não lhe serve já para seu experimento.

Como esta raça atual tornou-se insuportavelmente lunar, terrivelmente superficial e mecanicista, já não serve para o experimento solar, motivo mais que suficiente pelo qual será destruída.

Para que haja inquietude espiritual contínua se requer passar o centro magnético de gravidade à essência, à consciência.

Desafortunadamente as pessoas têm o centro magnético de gravidade na personalidade, no café, na cantina, nos negócios do banco, no bordel ou na praça do mercado, etc.

Obviamente, todas estas são as coisas da personalidade e o centro magnético da mesma atrai a todas estas coisas; isto é incontrovertível e qualquer pessoa que tenha sentido comum pode verificá-lo por si mesma e em forma direta.

Desgraçadamente, ao ler tudo isto, os patifes do intelecto, acostumados a discutir demasiado ou a calar com um orgulho insuportável, preferem atirar o livro com desdém e ler o jornal.

Alguns quantos goles de bom café e a crônica do dia resultam magnífico alimento para os mamíferos racionais.

Sem embargo, eles se sentem muito sérios; indubitavelmente suas próprias sabichonices os têm alucinados, e estas coisas do tipo solar escritas neste livro insolente lhes molestam demasiadamente. Não há dúvida que os olhos boêmios dos homúnculos da razão não se atreveriam a continuar com o estudo desta obra.

CAPÍTULO XXI

MEDITAÇÃO

Na vida a única coisa importante é a mudança radical, total e definitiva; o restante, francamente, não tem a menor importância.

A meditação resulta fundamental quando sinceramente nós queremos tal mudança. De modo algum desejamos a meditação intrascendente, superficial e vã.

Necessitamos tornar-nos sérios e deixar de lado tantas tolices que abundam por ali no pseudoesoterismo e pseudo-ocultismo barato.

Há que saber ser sérios, há que saber mudar se é que em realidade de verdade não queremos fracassar no trabalho esotérico.

Quem não sabe meditar, o superficial, o ignorante, jamais poderá dissolver o Ego; será sempre um tronco impotente no furioso mar da vida.

Defeito descoberto no terreno da vida prática deve ser compreendido profundamente através da técnica da meditação.

O material didático para a meditação encontra-se precisamente nos distintos eventos ou circunstâncias diárias da vida prática, isto é incontrovertível.

As pessoas sempre protestam contra os eventos desagradáveis, nunca sabem ver a utilidade de tais eventos.

Nós, em vez de protestar contra as circunstâncias desagradáveis, devemos extrair das mesmas, mediante a meditação, os elementos úteis para nosso crescimento anímico.

A meditação profunda sobre tal ou qual circunstância agradável ou desagradável, nos permite sentir em nós mesmos o sabor, o resultado.

É necessário fazer uma plena diferenciação psicológica entre o que é o sabor trabalho e o sabor vida.

Em todo caso, para sentir em si mesmos o sabor trabalho, se requer inversão total da atitude com que normalmente tomam as circunstâncias da existência.

Ninguém poderia gostar do sabor trabalho enquanto cometa o erro de identificar-se com os diversos eventos. Certamente a identificação impede a devida apreciação psicológica dos eventos.

Quando alguém se identifica com tal ou qual acontecimento, de modo algum logra extrair do mesmo os elementos úteis para o autodescobrimento e crescimento interior da consciência.

O trabalhador Esoterista que regressa à identificação, depois de ter perdido a guarda, volta a sentir o sabor vida em vez do sabor trabalho.

Isto indica que a atitude psicológica invertida antes, voltou a seu estado de identificação.

Qualquer circunstância desagradável deve ser reconstruída por meio da imaginação consciente através da técnica da meditação.

A reconstrução de qualquer cena nos permite verificar por nós mesmos e de forma direta a intervenção de vários eus participantes na mesma.

Exemplos: Uma cena de ciúmes amorosos; nela intervêm eus de ira, ciúmes e até ódio.

Compreender cada um destes eus, cada um destes fatores, implica de fato profunda reflexão, concentração, meditação.

A marcada tendência de culpar os outros é óbice, obstáculo para a compreensão de nossos próprios erros. Desgraçadamente resulta tarefa muito difícil destruir em nós a tendência a culpar a outros.

Em nome da verdade temos que dizer que nós somos os únicos culpáveis das diversas circunstâncias desagradáveis da vida.

Os distintos eventos agradáveis ou desagradáveis existem conosco ou sem nós e se repetem mecanicamente de forma contínua.

Partindo deste princípio, nenhum problema pode ter uma solução final.

Os problemas são da vida se tivesse uma solução final a vida não seria vida, senão morte.

Então pode haver modificação das circunstâncias e dos problemas, mas nunca deixarão de repetir-se e jamais terão uma solução final.

A vida é uma roda que gira mecanicamente com todas as circunstâncias agradáveis e desagradáveis, sempre recorrente.

Não podemos deter a roda, as circunstâncias boas ou más se processam sempre mecanicamente, unicamente podemos mudar nossa atitude ante os eventos da vida.

Conforme nós aprendemos a extrair o material para a meditação dentre as mesmas circunstâncias da existência, nos iremos autodescobrindo.

Em qualquer circunstância agradável ou desagradável existem diversos eus que devem ser compreendidos integralmente com a técnica da meditação.

Isto significa que qualquer grupo de eus intervindo em tal ou qual drama, comédia ou tragédia da vida prática, depois de ser compreendido integralmente deverá ser eliminado mediante o poder da Divina Mãe Kundalini.

À medida que façamos uso do sentido da observação psicológica, este último irá também se desenvolvendo maravilhosamente. Então poderemos perceber interiormente, não somente os eus antes de terem sido trabalhados, senão também durante todo o trabalho.

Quando estes eus são decapitados e desintegrados, sentimos um grande alívio, uma grande dita.

CAPÍTULO XXII

RETORNO E RECORRÊNCIA

Um homem é o que é sua vida: se um homem não trabalha sua própria vida, está perdendo o tempo miseravelmente.

Só eliminando os elementos indesejáveis que em nosso interior carregamos, podemos fazer de nossa vida uma obra mestra.

A morte é o regresso ao princípio da vida, com a possibilidade de repeti-la novamente no cenário de uma nova existência.

As diversas escolas do tipo pseudoesoterista e pseudo-ocultista sustentam a teoria eterna das vidas sucessivas, tal conceito está equivocado.

A vida é um filme; concluída a projeção, enrolamos a fita em seu carretel e a levamos para a eternidade.

O reingresso existe, o retorno existe; ao voltar a este mundo projetamos sobre o tapete da existência o mesmo filme, a mesma vida.

Podemos sustentar a tese de existências sucessivas; mas não de vidas sucessivas porque o filme é o mesmo.

O ser humano tem uns três por cento de essência livre e noventa e sete por cento de essência engarrafada entre os eus.

Ao retornar, os três por cento de essência livre impregnam totalmente o ovo fecundado; inquestionavelmente continuamos na semente de nossos descendentes.

Personalidade é diferente; não existe nenhum amanhã para a personalidade do morto; esta última vai se dissolvendo lentamente no panteão ou cemitério.

No recém-nascido só se reincorporou a pequena porcentagem de essência livre; isto dá à criatura autoconsciência e beleza interior.

Os diversos eus que retornam, dão voltas ao redor do recém-nascido, vão e vêm livremente por todas as partes, querem meter-se dentro da máquina orgânica, mas isto não é possível enquanto não tenha criado uma nova personalidade.

Convém saber que a personalidade é energética e que se forma com a experiência através do tempo.

Escrito está que a personalidade há de criar-se durante os primeiros sete anos da infância e que posteriormente se robustece e se fortifica com prática.

Os eus começam a intervir dentro da máquina orgânica pouco a pouco, à medida que a nova personalidade se vai criando.

A morte é uma subtração de frações, terminada a operação matemática a única coisa que continua são os valores (isto são os eus bons e maus, úteis e inúteis, positivos e negativos).

Os valores na luz astral se atraem e se repelem entre si de acordo com as leis da imantação universal. Nós somos pontos matemáticos no espaço que servimos de veículos a determinadas somas de valores.

Dentro da humana personalidade de cada um de nós existem sempre estes valores que servem de embasamento à lei da Recorrência.

Tudo volta a ocorrer tal como sucedeu mais o resultado ou consequência de nossas ações precedentes.

Como dentro de cada um de nós existem muitos eus de vidas precedentes, podemos afirmar de forma enfática que cada um daqueles é uma pessoa distinta.

Isto nos convida a compreender que dentro de cada um de nós vivem muitíssimas pessoas com distintos compromissos.

Dentro da personalidade de um ladrão existe uma verdadeira cova de ladrões; dentro da personalidade de um homicida existe todo um clube de assassinos; dentro da personalidade de um luxurioso existe um bordel; dentro da personalidade de qualquer prostituta existe todo um prostíbulo.

Cada uma dessas pessoas que dentro de nossa própria personalidade carregamos, tem seus problemas e seus compromissos.

Gente vivendo dentro da gente, pessoas vivendo dentro das pessoas; isto é irrefutável, irrebatível.

O grave de tudo isto é que cada uma dessas pessoas ou eus que dentro de nós vive, vem de antigas existências e tem determinados compromissos.

O eu que na passada existência teve uma aventura amorosa na idade dos trinta anos, na nova existência aguardará tal idade para manifestar-se e, chegado o momento, buscará a pessoa de seus sonhos, se porá em contato telepático com a mesma e ao fim virá ao reencontro e a repetição da cena.

O eu que na idade de quarenta anos teve um pleito por bens materiais, na nova existência aguardará tal idade para repetir a mesma fofoca.

O eu que na idade de vinte e cinco anos pelejou com outro homem na cantina ou no bar, aguardará na nova existência a nova idade de vinte e cinco anos para buscar seu adversário e repetir a tragédia.

Buscam-se entre si os eus de um e outro sujeito mediante ondas telepáticas e logo se reencontram para repetir mecanicamente o mesmo.

Esta é realmente a mecânica da Lei de Recorrência, esta é a tragédia da vida.

Através de milhares de anos os diversos personagens reencontram-se para reviver os mesmos dramas, comédias e tragédias.

A pessoa humana não é mais que uma máquina a serviço destes eus com tantos compromissos.

O pior de toda essa questão é que todos estes compromissos das pessoas que levamos em nosso interior se cumprem sem que nosso entendimento tenha previamente alguma informação.

Nossa personalidade humana neste sentido parece um carro arrastado por múltiplos cavalos. Há vidas de exatíssima repetição, recorrentes existências que nunca se modificam.

De modo algum poderiam repetir-se as comédias, dramas e tragédias da vida sobre a tela da existência, se não existissem atores.

Os atores de todas estas cenas são os eus que em nosso interior carregamos e que vêm de antigas existências. Se nós desintegramos os eus da ira, as cenas trágicas da violência concluem-se inevitavelmente.

Se nós reduzimos a poeira cósmica os agentes secretos da cobiça, os problemas da mesma finalizarão totalmente.

Se nós aniquilamos os eus da luxúria, as cenas do prostíbulo e da morbosidade finalizam.

Se nós reduzimos a cinzas os personagens secretos da inveja, os eventos da mesma concluirão radicalmente.

Se nós matamos os eus do orgulho, da vaidade, da presunção, da autoimportância, as cenas ridículas destes defeitos finalizarão por falta de atores.

Se nós eliminamos de nossa psique os fatores da preguiça, da inércia e da fraqueza, as horripilantes cenas desta classe de defeitos não poderão repetir-se por falta de atores.

Se nós pulverizamos os eus asquerosos da gula, da glotonaria, finalizarão os banquetes, as bebedeiras, etc. por falta de atores.

Como estes múltiplos eus se processam lamentavelmente nos distintos níveis do ser, faz-se necessário conhecer suas causas, sua origem e os

procedimentos Crísticos que finalmente haverão de nos conduzir à morte do mim mesmo e à liberação final.

Estudar o Cristo íntimo, estudar o esoterismo Crístico é básico quando se trata de provocar em nós uma mudança radical e definitiva; isto é o que estudaremos nos próximos capítulos.

CAPÍTULO XXIII

O CRISTO ÍNTIMO

Cristo é o Fogo do Fogo, a Chama da Chama, a Assinatura Astral do Fogo.

Sobre a Cruz do Mártir do Calvário está definido o Mistério do Cristo com uma só palavra que consta de quatro letras: INRI. Ignis Natura Renovatur Integram. “O Fogo Renova Incessantemente a Natureza”.

O Advento do Cristo no coração do homem nos transforma radicalmente.

Cristo é o LOGOS SOLAR, Unidade Múltipla perfeita. Cristo é a vida que palpita no universo inteiro, é o que é, o que sempre foi e o que sempre será.

Muito se disse sobre o Drama Cósmico; inquestionavelmente este Drama está formado pelos quatro evangelhos.

Foi-nos dito que o Drama Cósmico foi trazido pelos Elohim à terra; o Grande Senhor da Atlântida representou este drama em Carne e Osso.

O Grande KABIR JESUS também teve que representar o mesmo Drama Publicamente na Terra Santa. Ainda que Cristo nasça mil vezes em Belém, de nada serve se não nasce em nosso coração também.

Ainda que tivesse Morrido e ressuscitado no terceiro dia dentre os mortos, de nada serve isso se não morre e ressuscita em nós também.

Tratar de descobrir a natureza e a essência do fogo é tratar de descobrir a Deus, cuja presença real sempre se revelou sob a aparência ígnea.

A sarça ardente (Êxodo, III, 2) e o incêndio do Sinai à raiz do outorgamento do Decálogo (Êxodo, XIX, 18): são duas manifestações pelas quais Deus apareceu a Moisés.

Sob a figura de um ser de Jaspe e Sardônico da cor de chama, sentado em um Trono Incandescente e fulgurante, São João descreve o dono do Universo. (Apocalipse, IV, 3,5). “Nosso Deus é um Fogo Devorador”, escreve São Paulo em sua Epístola aos Hebreus.

O Cristo Íntimo, o Fogo Celestial, deve nascer em nós e nasce em realidade quando avançamos bastante no trabalho Psicológico.

O Cristo Íntimo deve eliminar de nossa Natureza Psicológica, as mesmas causas de erro: os EUS CAUSAS. Não seria possível a dissolução das causas do EGO enquanto o Cristo Íntimo não nasça em nós.

O fogo vivente e Filosofal, o Cristo Íntimo, é o Fogo do Fogo, o puro do puro.

O Fogo nos envolve e nos banha por todas as partes, vem a nós pelo ar, pela água e pela mesma terra que são seus conservadores e seus diversos veículos.

O Fogo Celestial deve cristalizar em nós, é o Cristo Íntimo, nosso Salvador interior profundo.

O Senhor Íntimo deve encarregar-se do comando de toda nossa Psique dos Cinco Cilindros da máquina Orgânica; de todos nossos processos Mentais, Emocionais, Motores, Instintivos e Sexuais.

CAPÍTULO XXIV

TRABALHO CRÍSTICO

O Cristo íntimo surge interiormente no trabalho relacionado com a dissolução do Eu Psicológico.

Obviamente O Cristo Interior só advém no momento culminante de nossos esforços intencionais e padecimentos voluntários.

O advento do fogo Crístico é o evento mais importante de nossa própria vida.

O Cristo íntimo se encarrega então de todos os nossos processos mentais, emocionais, motores, instintivos e sexuais.

Inquestionavelmente O Cristo Íntimo é nosso salvador interior profundo.

Ele, sendo perfeito, ao meter-se dentro de nós pareceria imperfeito; sendo casto, pareceria como se não o fosse, sendo justo, pareceria como se não o fosse.

Isto é semelhante aos distintos reflexos da luz. Se usarmos óculos azuis tudo nos parecerá azul e se os usamos de cor vermelha veremos todas as coisas desta cor.

Ele, ainda que seja branco, visto desde fora, cada um lhe verá através do cristal psicológico com que lhe olha; por isso é que as pessoas vendo-lhe, não o veem.

Ao encarregar-se de todos os nossos processos psicológicos, o Senhor da perfeição sofre o indizível. Convertido em homem entre os homens, há de passar por muitas provas e suportar tentações indizíveis. A tentação é fogo, o triunfo sobre a tentação é Luz.

O iniciado deve aprender a viver perigosamente; assim está escrito; isto o sabem os Alquimistas.

O iniciado deve percorrer com firmeza a Senda do Fio da Navalha; a um e outro lado do difícil caminho existem abismos espantosos.

Na difícil senda da dissolução do Ego existem complexos caminhos que têm sua raiz precisamente no caminho real.

Obviamente da senda do Fio da Navalha desprendem-se múltiplas sendas que não conduzem a nenhuma parte; algumas delas nos levam ao abismo e ao desespero.

Existem sendas que poderiam nos converter em majestades de tais ou quais zonas do universo, mas que de nenhum modo nos trariam de regresso ao seio do Eterno Pai Cósmico Comum.

Existem sendas fascinantes, de santíssima aparência, inefáveis, desafortunadamente só podem nos conduzir à involução submersa dos mundos infernos.

No trabalho da dissolução do Eu necessitamos entregar-nos por completo ao Cristo Interior.

Às vezes aparecem problemas de difícil solução; logo; o caminho se perde em labirintos inexplicáveis e não se sabe por onde continua; só a obediência absoluta ao Cristo Interior e ao Pai que está em segredo pode, em tais casos, orientar-nos sabiamente.

A Senda do Fio da Navalha está cheia de perigos por dentro e por fora.

A moral convencional de nada serve; a moral é escrava dos costumes, da época, do lugar.

O que foi moral em épocas passadas agora resulta imoral; o que foi moral na idade média, por estes tempos modernos pode resultar imoral. O que em um país é moral em outro país é imoral, etc.

No trabalho da dissolução do Ego sucede que às vezes quando pensamos que vamos muito bem, resulta que vamos muito mal.

As mudanças são indispensáveis durante o avanço esotérico, mas as pessoas reacionárias permanecem engarrafadas no passado; se petrificam no tempo e trovejam e relampagueiam contra nós à medida que realizamos avanços psicológicos de fundo e mudanças radicais.

As pessoas não resistem às mudanças do iniciado; querem que este continue petrificado em múltiplos ontens. Qualquer mudança que o iniciado realize, é classificada de imediato como imoral.

Olhando as coisas deste ângulo à luz do trabalho Crístico, podemos evidenciar claramente a ineficácia dos diversos códigos de moral que no mundo foram escritos.

Inquestionavelmente O Cristo manifesto e, sem embargo, oculto no coração do homem real; ao encarregar-se do comando de nossos diversos estados psicológicos, sendo desconhecido para as pessoas é de fato qualificado como cruel, imoral e perverso.

Resulta paradoxo que as pessoas adorem o Cristo e, sem embargo, lhe acomodem tão horripilantes qualificativos.

Obviamente as pessoas inconscientes e adormecidas só querem um Cristo histórico, antropomórfico, de estátuas e dogmas inquebrantáveis, ao qual possam acomodar facilmente todos seus códigos de moral torpe e rançosa e todos os seus prejuízos e condições.

As pessoas não podem conceber jamais o Cristo Íntimo no coração do homem; as multidões só adoram o cristo estátua e isso é tudo.

Quando alguém fala às multidões, quando alguém lhes declara o cru realismo do Cristo revolucionário; do Cristo vermelho, do Cristo rebelde, de imediato recebe qualificativos como os seguintes: blasfemo, herege, malvado, profanador, sacrílego, etc.

Assim são as multidões, sempre inconscientes, sempre adormecidas. Agora compreenderemos porquê o Cristo crucificado no Gólgota exclama com todas as forças de sua alma: Pai meu perdoa-os porque não sabem o que fazem!

O Cristo em si mesmo sendo um, aparece como muitos; por isso se disse que é unidade múltipla perfeita. Ao que sabe, a palavra dá poder; ninguém a pronunciou, ninguém a pronunciará, senão somente aquele que O TEM ENCARNADO.

Encarná-lo é o fundamental no trabalho avançado do Eu pluralizado.

O Senhor de perfeição trabalha em nós à medida que nos esforçamos conscientemente no trabalho sobre nós mesmos.

Resulta espantosamente doloroso o trabalho que o Cristo Íntimo tem que realizar dentro de nossa própria psique.

Em verdade nosso Mestre interior deve viver toda sua via crúcis no fundo mesmo de nossa própria alma. Escrito está: “A Deus rogando e com o malho dando”. Também está escrito: “Ajuda-te que eu te ajudarei”.

Suplicar à divina Mãe Kundalini é fundamental quando se trata de dissolver agregados psíquicos indesejáveis, embora o Cristo Íntimo, nos transfundos mais profundos do mim mesmo, opere sabiamente de acordo com as próprias responsabilidades que Ele coloca sobre seus ombros.

CAPÍTULO XXV

O DIFÍCIL CAMINHO

Inquestionavelmente existe um lado escuro de nós mesmos que não conhecemos ou não aceitamos; devemos levar a luz da consciência a esse lado tenebroso de nós mesmos.

Todo o objetivo de nossos estudos Gnósticos é fazer com que o conhecimento de si mesmos se torne mais consciente.

Quando se têm muitas coisas dentro de si mesmo que não se conhecem nem se aceitam, então tais coisas nos complicam a vida espantosamente e provocam na verdade toda sorte de situações que poderiam ser evitadas mediante o conhecimento de si.

O pior de tudo isto é que projetamos esse lado desconhecido e inconsciente de nós mesmos em outras pessoas e então o vemos nelas.

Por exemplo: as vemos como se fossem embusteiras, infiéis, mesquinhas, etc., em relação ao que carregamos em nosso interior.

A Gnosis diz sobre este particular, que vivemos em uma parte muito pequena de nós mesmos. Isso significa que nossa consciência estende-se só a uma parte muito reduzida de nós mesmos.

A ideia do trabalho esotérico Gnóstico é a de ampliar claramente nossa própria consciência.

Indubitavelmente enquanto não estivermos bem relacionados conosco mesmos, tampouco estaremos bem relacionados com os demais e o resultado serão conflitos de toda espécie.

É indispensável chegar a ser muitíssimo mais conscientes para consigo mesmos mediante uma direta observação de si.

Uma regra Gnóstica geral no trabalho esotérico Gnóstico, é que quando não nos entendemos com alguma pessoa, pode-se ter a segurança de que esta é a mesma coisa contra a qual é preciso trabalhar sobre si mesmo.

O que se critica tanto nos outros é algo que descansa no lado escuro da própria pessoa e que não se conhece, nem se quer reconhecer.

Quando estamos em tal condição, o lado escuro de nós mesmos é muito grande, mas, quando a luz da observação de si ilumina esse lado escuro, a consciência se acrescenta mediante o conhecimento de si.

Esta é a Senda do Fio da Navalha, mais amargo que o fel, muitos a iniciam, muito raros são os que chegam à meta.

Assim como a Lua tem um lado oculto que não se vê, um lado desconhecido, assim também sucede com a Lua Psicológica que carregamos em nosso interior.

Obviamente tal Lua Psicológica é formada pelo Ego, o Eu, o Mim Mesmo, o Si mesmo.

Nesta lua psicológica carregamos elementos inumanos que espantam, que horrorizam e que de modo algum aceitaríamos ter.

Cruel caminho é este da AUTORREALIZAÇÃO ÍNTIMA DO SER. Quantos precipícios! Que passos tão difíceis! Que labirintos tão horríveis!

Às vezes o caminho interior depois de muitas voltas e revoltas, subidas horripilantes e perigosíssimas descidas, perde-se em desertos de areia, não se sabe por onde segue e nem um raio de luz te ilumina.

Senda cheia de perigos por dentro e por fora; caminho de mistérios indizíveis, onde só sopra um hálito de morte.

Neste caminho interior quando alguém crê que vai muito bem, em realidade vai muito mal.

Neste caminho interior quando alguém crê que vai muito mal, sucede que marcha muito bem. Neste caminho secreto existem instantes em que alguém já nem sabe que é o bom nem que é o mal. O que normalmente se proíbe, às vezes resulta que é o justo; assim é o caminho interior.

Todos os Códigos morais no caminho interior saem sobrando; uma bela máxima ou um formoso preceito moral, em determinados momentos pode converter-se em um obstáculo muito sério para a Autorrealização íntima do Ser.

Afortunadamente o Cristo Íntimo desde o próprio fundo de nosso Ser trabalha intensivamente, sofre, chora, desintegra elementos perigosíssimos que em nosso interior levamos.

O Cristo nasce como uma criança no coração do homem, mas à medida que vai eliminando os elementos indesejáveis que levamos dentro, vai crescendo pouco a pouco até converter-se em um Homem completo.

CAPÍTULO XXVI

OS TRÊS TRAIDORES

No trabalho interior profundo, dentro do terreno da estrita auto-observação psicológica, temos que vivenciar de forma direta todo o drama cósmico.

O Cristo Íntimo há de eliminar todos os elementos indesejáveis que em nosso interior carregamos.

Os múltiplos agregados psíquicos em nossas profundidades psicológicas gritam pedindo crucificação para o Senhor Interior.

Inquestionavelmente cada um de nós leva em sua psique os três traidores.

Judas, o demônio do desejo; Pilatos o demônio da mente; Caifás, o demônio da má vontade. Estes três traidores crucificaram o Senhor de Perfeições no próprio fundo de nossa alma.

Trata-se de três tipos específicos de elementos inumanos fundamentais no drama cósmico.

Indubitavelmente o citado drama foi vivido sempre secretamente nas profundidades da consciência superlativa do ser.

Não é, pois, o drama cósmico propriedade do Grande Kabir Jesus como supõem sempre os ignorantes ilustrados.

Os Iniciados de todas as idades, os Mestres de todos os séculos, tiveram que viver o drama cósmico dentro de si mesmos, aqui e agora.

Embora, Jesus, o Grande Kabir, teve o valor de representar tal drama íntimo publicamente, na rua e à luz do dia, para abrir o sentido da iniciação a todos os seres humanos, sem diferenças de raça, sexo, casta ou cor.

É maravilhoso que haja alguém que de forma pública ensinasse o drama íntimo a todos os povos da terra. O Cristo Íntimo não sendo luxurioso tem que eliminar de si mesmo os elementos psicológicos da luxúria.

O Cristo Íntimo sendo em si mesmo paz e amor deve eliminar de si mesmo os elementos indesejáveis da ira. O Cristo Íntimo não sendo cobiçoso deve eliminar de si mesmo os elementos indesejáveis da cobiça.

O Cristo Íntimo não sendo invejoso deve eliminar de si mesmo os agregados psíquicos da inveja.

O Cristo Íntimo sendo humildade perfeita, modéstia infinita, simplicidade absoluta, deve eliminar de si mesmo os asquerosos elementos do orgulho, da vaidade, da presunção.

O Cristo Íntimo, a palavra, o Logos Criador vivendo sempre em constante atividade tem que eliminar em nosso interior, em si mesmo e por si mesmo os elementos indesejáveis da inércia, da estagnação.

O Senhor da Perfeição acostumado a todos os jejuns, temperado, jamais amigo de bebedeiras e de grandes banquetes tem que eliminar de si mesmo os abomináveis elementos da gula.

Estranha simbiose a do Cristo-Jesus; o Cristo-Homem; rara mescla do divino e do humano, do perfeito e do imperfeito; prova sempre constante para o Logos.

O mais interessante de tudo isto é que o Cristo secreto é sempre um triunfador; alguém que vence constantemente as trevas; alguém que elimina as trevas de dentro de si mesmo, aqui e agora.

O Cristo Secreto é o senhor da Grande Rebelião, rechaçado pelos sacerdotes, pelos anciãos e pelos escribas do templo.

Os sacerdotes lhe odeiam; quer dizer, não lhe compreendem, querem que o Senhor de Perfeições viva exclusivamente no tempo de acordo com seus dogmas inquebrantáveis.

Os anciãos, quer dizer, os moradores da terra, os bons donos de casa, a pessoa judiciosa, a pessoa experiente se aborrece com Logos, o Cristo Vermelho, o Cristo da Grande Rebelião, porque este sai do mundo de seus hábitos e costumes antiquados, reacionários e petrificados em muitos ontens.

Os escribas do templo, os patifes do intelecto se aborrecem com o Cristo Íntimo, porque este é a antítese do Anticristo, o inimigo declarado de toda esta podridão de teorias universitárias que tanto abunda nos mercados de corpos e de almas.

Os três traidores odeiam mortalmente o Cristo Secreto e conduzem-no à morte dentro de nós mesmos e em nosso próprio espaço psicológico.

Judas, o demônio do desejo, troca sempre o Senhor por trinta moedas de prata, quer dizer, por licores, dinheiro, fama, vaidades, fornicções, adultérios, etc.

Pilatos, o demônio da mente, sempre lava as mãos, sempre se declara inocente, nunca tem a culpa, constantemente justifica-se ante si mesmo e ante os demais, busca evasivas, escapatórias para eludir suas próprias responsabilidades, etc.

Caifás, o demônio da má vontade, trai incessantemente o Senhor dentro de nós mesmos; o Adorável Íntimo lhe dá o báculo para pastorear suas

ovelhas, sem embargo, o cínico traidor converte o altar em leito de prazeres, fornicia incessantemente, adultera, vende os sacramentos, etc.

Estes três traidores fazem sofrer secretamente o adorável Senhor Íntimo sem compaixão alguma.

Pilatos lhe faz pôr coroa de espinhos em suas têmporas, os malvados eus o flagelam, o insultam, o maldizem no espaço psicológico íntimo sem piedade de nenhuma espécie.

CAPÍTULO XXVII

OS EUS CAUSAS

Os múltiplos elementos subjetivos que constituem o ego têm raízes causais.

Os eus causas estão vinculados às leis de Causa e Efeito. Obviamente não pode existir causa sem efeito, nem efeito sem causa; isto é inquestionável, indubitável.

Seria inconcebível a eliminação dos diversos elementos inumanos que em nosso interior carregamos senão eliminarmos radicalmente as causas intrínsecas de nossos defeitos psicológicos.

Obviamente os eus causas encontram-se intimamente associados a determinadas dívidas Kármicas.

Só o arrependimento mais profundo e os respectivos negócios com os Senhores da Lei, podem nos dar a dita de lograr a desintegração de todos esses elementos causais que de uma ou outra forma podem nos conduzir à eliminação definitiva dos elementos indesejáveis.

As causas intrínsecas de nossos erros, certamente podem ser erradicadas de nós mesmos graças aos eficientes trabalhos do Cristo Íntimo.

Obviamente os eus causas costumam ter complexidades espantosamente difíceis.

Exemplo: Um estudante esoterista poderia ser defraudado por seu instrutor e em consequência tal neófito se tornaria cético. Neste caso concreto o eu causa que originara tal erro, só poderia desintegrar-se mediante o supremo arrependimento íntimo e com negociações esotéricas muito especiais.

O Cristo Íntimo dentro de nós mesmos trabalha intensivamente eliminando à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários, todas essas causas secretas de nossos erros.

O Senhor de Perfeições deve viver em nossas íntimas profundidades todo o drama cósmico.

Alguém se assombra ao contemplar no mundo causal todas as torturas pelas quais passa o Senhor de Perfeições.

No mundo causal O Cristo secreto passa por todas as amarguras indizíveis de sua Via-crúcis. Indubitavelmente Pilatos lava as mãos e se justifica, mas no final condena o Adorável à morte na cruz. Resulta extraordinário para o iniciado vidente o ascenso ao calvário.

Indubitavelmente a consciência solar integrada com o Cristo Íntimo, crucificada na cruz majestosa do calvário, pronuncia frases terríveis que aos seres humanos não lhes é dado compreender.

A frase final (Pai meu em tuas mãos encomendo meu espírito) vai seguida de raios e trovões e grandes cataclismos.

Posteriormente, o Cristo Íntimo depois da descravação é depositado em seu Santo Sepulcro.

Mediante a morte, o Cristo Íntimo mata a morte. Muito mais tarde no tempo, o Cristo íntimo deve ressuscitar em nós.

Inquestionavelmente a ressurreição Crística vem a transformar-nos radicalmente.

Qualquer Mestre Ressuscitado possui poderes extraordinários sobre o fogo, o ar, as águas e a terra.

Indubitavelmente os Mestres Ressuscitados adquirem a imortalidade, não somente psicológica, senão também corporal.

Jesus, O Grande Kabir, todavia vive com o mesmo corpo físico que teve na Terra Santa; O Conde Saint German que transmutava o chumbo em ouro e fazia diamantes da melhor qualidade durante os séculos XV, XVI, XVII, XVIII, etc., ainda vive, todavia.

O enigmático e poderoso Conde Cagliostro que tanto assombrara a Europa com seus poderes durante os séculos XVI, XVII e XVIII é um Mestre Ressurreto e, todavia, conserva seu mesmo corpo físico.

CAPÍTULO XXVIII

O SUPER-HOMEM

Um Código de Anahuac disse: "Os Deuses criaram os homens de madeira e depois de havê-los criado os fusionaram com a divindade"; mas logo acrescenta: "Nem todos os homens logram integrar-se com a divindade".

Inquestionavelmente o primeiro que se necessita é criar o homem antes de poder integrá-lo com o real. O animal intelectual equivocadamente chamado homem de modo algum é o homem.

Se nós comparamos o homem com o animal intelectual, poderemos então verificar por nós mesmos o fato concreto de que o animal intelectual, ainda que fisicamente se pareça ao homem, psicologicamente é absolutamente distinto.

Desafortunadamente todos pensam erroneamente, supõem ser homens, qualificam-se como tais.

Sempre críamos que o homem é o rei da criação; o animal intelectual até a data presente não demonstrou ser sequer rei de si mesmo; se não é rei de seus próprios processos psicológicos, se não pode dirigi-los à vontade, muito menos poderá governar a natureza.

De modo algum poderíamos aceitar o homem convertido em escravo, incapaz de governar a si mesmo e convertido em brinquedo das forças bestiais da natureza.

Ou se é rei do universo ou não se é; no último destes casos inquestionavelmente fica demonstrado o fato concreto de não ter chegado ainda ao estado de homem.

Dentro das glândulas sexuais do animal intelectual o sol depositou os germes para o homem. Obviamente tais germes podem desenvolver-se ou perder-se definitivamente.

Se queremos que tais germes se desenvolvam, faz-se indispensável cooperar com o esforço que o sol está fazendo para criar homens.

O homem legítimo deve trabalhar intensivamente com o propósito evidente de eliminar de si mesmo os elementos indesejáveis que em nosso interior carregamos.

Se o homem real não eliminasse de si mesmo tais elementos, fracassaria lamentavelmente; se converteria em um aborto da Mãe Cósmica, em um fracasso.

O homem que verdadeiramente trabalha sobre si mesmo com o propósito de despertar consciência poderá integrar-se com o divino.

Ostensivelmente o homem solar integrado com a divindade, se converte de fato e por direito próprio em SUPER-HOMEM.

Não é tão fácil chegar ao SUPER-HOMEM. Indubitavelmente o caminho que conduz ao SUPER-HOMEM está muito além do bem e do mal.

Uma coisa é boa quando nos convém e má quando não nos convém. Entre as cadências do verso também se esconde o delito. Há muita virtude no malvado e muita maldade no virtuoso.

O caminho que conduz ao SUPER-HOMEM é a Senda do Fio da Navalha; esta senda está cheia de perigos por dentro e por fora.

O mal é perigoso, o bem também é perigoso; o espantoso caminho está mais além do bem e do mal, é terrivelmente cruel.

Qualquer código de moral pode deter-nos na marcha até o SUPER-HOMEM. O apego a tais ou quais ontens, a tais ou quais cenas pode deter-nos no caminho que chega até o SUPER-HOMEM.

As normas, os procedimentos, por muito sábios que sejam, se encontram enfrascados em tal ou qual fanatismo, em tal ou qual prejuízo, em tal ou qual conceito, e pode obstaculizar-nos no avanço até o SUPER-HOMEM.

O SUPER-HOMEM conhece o bom do mau e o mau do bom; empunha a espada da justiça cósmica e está mais além do bem e do mal.

O SUPER-HOMEM tendo liquidado em si mesmo todos os valores bons e maus, converteu-se em algo que ninguém entende, é o raio, é a chama do espírito universal de vida resplandecendo no rosto de um Moisés.

Em cada tenda do caminho algum anacoreta oferece suas dádivas ao SUPER-HOMEM, mas este continua seu caminho muito além das boas intenções dos anacoretas.

O que disseram as pessoas sob o pórtico sagrado dos templos tem muita beleza, mas o SUPER-HOMEM está muito além dos ditos piedosos das pessoas.

O SUPER-HOMEM é o raio e sua palavra é o trovão que desintegra os poderes do bem e do mal. O SUPER-HOMEM resplandece nas trevas, mas as trevas odeiam o SUPER-HOMEM.

As multidões qualificam o SUPER-HOMEM de perverso pelo fato mesmo de que não cabe dentro dos dogmas indiscutíveis, nem dentro das frases piedosas, nem dentro da sã moral dos homens sérios.

As pessoas se aborrecem com o SUPER-HOMEM e o crucificam entre criminosos porque não o entendem, porque o pré-julgam, olhando-o através da lente psicológica do que se crê santo, ainda que seja malvado.

O SUPER-HOMEM é como a centelha que cai sobre os perversos ou como o brilho de algo que não se entende e que se perde depois no mistério.

O SUPER-HOMEM nem é santo nem é perverso, está mais além da santidade e da perversidade; mas as pessoas lhe qualificam de santo ou perverso.

O SUPER-HOMEM brilha por um momento entre as trevas deste mundo e logo desaparece para sempre.

Dentro do SUPER-HOMEM resplandece abrasadoramente o Cristo Vermelho. O Cristo revolucionário, o Senhor da Grande Rebelião.

CAPÍTULO XXIX

O SANTO GRAAL

O Santo Graal resplandece na noite profunda de todas as idades. Os Cavaleiros da Idade Média na época das Cruzadas buscaram inutilmente o Santo Graal na Terra Santa, mas não o encontraram.

Quando Abraão, o Profeta, voltava da guerra contra os reis de Sodoma e de Gomorra, dizem que encontrou Melquisedec, o Gênio da Terra. Certamente esse Grande Ser vivia em uma fortaleza localizada exatamente naquele lugar onde mais tarde edificou-se Jerusalém, a cidade querida dos Profetas.

Diz a lenda dos séculos, e isto o sabem os divinos e os humanos, que Abraão celebrou a Unção Gnóstica com o compartilhamento do pão e do vinho em presença de Melquisedec.

Não está demais afirmar que então Abraão entregou a Melquisedec os dízimos e primícias tal como está escrito no Livro da Lei.

Abraão recebeu das mãos de Melquisedec o Santo Graal; muito mais tarde no tempo esta taça foi parar no templo de Jerusalém.

Não há dúvida de que a Rainha de Sabá serviu de mediadora para este fato. Ela apresentou-se ante Salomão Rei com o Santo Graal e depois de submeter-lhe a rigorosas provas lhe fez entrega de tão preciosa joia.

O Grande Kabir Jesus bebeu nessa taça na cerimônia sagrada da última ceia tal como está escrito nos Quatro Evangelhos.

José de Arimateia encheu o Cálice com o sangue que emanava das feridas do Adorável no Monte das Caveiras. Quando a polícia Romana invadiu a morada do citado Senador não achou esta preciosa joia.

O Senador Romano não só escondeu a tão preciosa joia, senão que, além disso, junto com ela guardou sob a terra a lança de Longibus com a qual o centurião Romano ferira o costado do Senhor.

José de Arimateia foi encerrado numa horrível prisão por não querer entregar o Santo Graal. Quando o citado Senador saiu do cárcere, marchou para Roma portando o Santo Graal.

Ao chegar em Roma José de Arimateia encontrou a perseguição de Nero contra os Cristãos e se foi pelas margens do Mediterrâneo.

Uma noite em sonhos apareceu-lhe um anjo e disse-lhe: “Este cálice tem um grande poder porque nele encontra-se o sangue do redentor do Mundo.” José de Arimateia, obedecendo às ordens do anjo, enterrou tal cálice em um templo localizado em Montserrat, Catalunha, Espanha.

Com o tempo tal cálice tornou-se invisível junto com o templo e parte da montanha.

O Santo Graal é o vaso de Hermes, a taça de Salomão, a urna preciosa de todos os templos de mistérios.

Na Arca da aliança não faltava nunca o Santo Graal na forma da taça ou gomor, dentro da qual encontrava-se depositado o maná do deserto.

O Santo Graal categoriza de forma enfática o YONI feminino, dentro desta santa taça está o néctar da imortalidade, o Soma dos místicos, a suprema bebida dos Deuses Santos.

O Cristo Vermelho bebe do Santo Graal na hora suprema da Cristificação, assim está escrito no Evangelho do Senhor.

Nunca falta o Santo Graal no altar do templo. Obviamente o Sacerdote deve beber o vinho da luz na Taça Santa.

Seria absurdo supor um templo de mistérios dentro do qual faltara a bendita taça de todas as idades.

Isto vem para nos recordar a Ginebra, A Rainha dos Jinas, aquela que a Lancelot escanceara o vinho nas taças deliciosas de SUFRA e de MANTI.

Os Deuses Imortais se alimentam com a bebida contida na Taça Santa; aqueles que odeiam à Bendita Taça blasfemam contra o Espírito Santo.

O Super-homem deve alimentar-se com o néctar da imortalidade contido no cálice divinal do templo. Transmutação da energia criadora é fundamental quando se quer beber no Vaso Sagrado.

O Cristo Vermelho sempre revolucionário, sempre rebelde, sempre heroico, sempre triunfante, brinda pelos Deuses bebendo no cálice de ouro.

Levantai bem vossa taça e cuidai de não verter nem sequer uma gota do precioso vinho. Recordai que nosso lema divisa é THELEMA (vontade).

Do fundo do cálice -simbólica figura do órgão sexual feminino- brotam chamas que resplandecem no rosto aceso do Super-Homem.

Os Deuses inefáveis de todas as galáxias bebem sempre da bebida da imortalidade no cálice eterno.

O frio lunar produz involuções no tempo; é necessário beber do vinho sagrado da luz no vaso santo da Alquimia.

A Púrpura dos reis sagrados, a coroa real e o ouro flamígero só são para o Cristo Vermelho.

O Senhor do Raio e do Trovão empunha em sua destra o Santo Graal e bebe o vinho de ouro para alimentar- se.

Aqueles que derramam o Vaso de Hermes durante a cópula química, de fato convertem-se em criaturas infra- humanas do submundo.

Tudo o que aqui escrevemos encontra plena documentação em meu livro intitulado “O Matrimônio Perfeito”.